



Pós-graduação

Formação de Escritores

ANTROPOLOGIA
ANTROPOLOGIA
ANTROPOLOGIA
ANTROPOLOGIA 2024
ANTROPOLOGIA
ANTROPOLOGIA
ANTROPOLOGIA
ANTROPOLOGIA
ANTROPOLOGIA



Pós-graduação

Formação de Escritores

ANTOLOGIA 2024

Álvaro Uliani | Artur Kon | Bruno Pernambuco | Clarice Reichstul
| Eduardo Gabor | Flávia Leal | Giovanna Mazetto | Hilda Lucas |
Jaqueline Almeida | José Alfredo Baracho | Julia Caiuby | Júlia Caiuby
de Azevedo Antunes Oliveira | Julia Asenjo Silva | Julia Fregonese |
Laio Manzano | Manuela Stelzer | Manuela Buk de Araujo | Maria
Eduarda Machado | Mariana Lobato Botter | Maura Campanili |
Mayra Beatriz Bertazzoni | Mirella Amorim | Natália Albertoni |
Norberto de Assis | Paulo Henrique Gonçalves | Renata Lima



Direção Geral

Heitor Fecarotta

Natacha Costa

Direção de Gestão

Marcelo Chulam

Direção Pedagógica

Regina Scarpa

Coordenação do Instituto Vera Cruz

Andréa Luize

Coordenação da pós-graduação

Formação de Escritores

Márcia Fortunato

Roberto Taddei



Edição final

Claudia Cavalcanti

Projeto gráfico

Kiki Millan

Revisão

Iara Arakaki

São Paulo, 2025

Antologia 2024: Pós-graduação Formação de Escritores. – São Paulo: Instituto Vera Cruz, 2024.
160 p.

Vários autores.

Coletânea de textos de ficção e não ficção dos alunos da turma 2021 da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz.

1. Literatura brasileira. 2. Coletâneas. 3. Produção literária. I. Instituto Vera Cruz.

CDD: 869.93

Elaboração: Claudia Regina Candido – CRB 8/4822

Os direitos autorais dos textos publicados pertencem a seus respectivos autores. Esta é uma edição do curso de pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz, e não tem fins comerciais.

Aos diretores do Instituto Vera Cruz, Heitor Fecarotta, Natacha Costa, Marcelo Chulam e Regina Scarpa, nosso reconhecimento pelo apoio ao programa de pós-graduação Formação de Escritores e pelo incentivo à publicação desta *Antologia*.

Sumário

Apresentação	<u>7</u>
Bexigas coloridas no corredor da morte	<u>9</u>
Álvaro Uliani	
Conto como coro	<u>19</u>
Artur Kon	
Peixes do ar	<u>29</u>
Bruno Pernambuco	
Rua Guarani	<u>35</u>
Clarice Reichstul	
Presente do futuro	<u>43</u>
Eduardo Gabor	
Amor e ficção	<u>47</u>
Flávia Leal	
Bloco de memórias	<u>53</u>
Giovanna Mazetto	
Agustin	<u>59</u>
Hilda Lucas	
Hereditário	<u>67</u>
Jaqueline Almeida	
Felipe	<u>77</u>
José Alfredo Baracho	
Mosaico	<u>85</u>
Julia Caiuby	
Noite das sereias	<u>91</u>
Júlia Caiuby de Azevedo Antunes Oliveira	

Bem me quer, mal me quer	<u>99</u>
Julia Asenjo Silva	
Céu da boca	<u>107</u>
Julia Fregonese	
O caso do velho A. R.	<u>113</u>
Laio Manzano	
Borboletas-monarca	<u>121</u>
Manuela Buk de Araujo	
Chinelinhos	<u>129</u>
Manuela Stelzer	
A decisão de Berenice	<u>137</u>
Maria Eduarda Machado	
Shuriken	<u>145</u>
Mariana Lobato Botter	
Transição	<u>149</u>
Maura Campanili	
O amor e outros traumas	<u>153</u>
Mayra Beatriz Bertazzoni	
E não é que alguma coisa acontece no meu coração?	<u>157</u>
Mirella Amorim	
O céu cor-de-rosa da Grécia	<u>167</u>
Natália Albertoni	
Sina passageira	<u>175</u>
Norberto de Assis	
O último voo do beija-flor	<u>181</u>
Paulo Henrique Gonçalves	
Ressurgências	<u>187</u>
Renata Lima	

Apresentação

A violência sofrida por uma mãe que acabou de dar à luz, ou por um garoto que apanha do amigo; o sumiço do marido em rio amazonense; um bebê que narra uma cena hospitalar logo após seu nascimento. Aqui, contam-se muitas histórias. São prosas escolhidas do tanto que se escreveu durante os dois anos em que seus autores estiveram juntos nas oficinas de criação literária da pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz.

No momento em que se lê esta *Antologia*, o tempo dessa escrita já passou; outros tempos e novas prosas virão. Fica a memória de uma turma que se encontrou no Vera a partir de fevereiro de 2023. E seguiu trabalhando, cada escritor e escritora com seu próprio percurso e sua busca.

Esta *Antologia* reúne e apresenta um pouco dos autores, celebrando a caminhada que empreenderam lado a lado. Aos leitores, deixamos o prazer de ler esta seleta literária e conhecer a diversidade de autores aqui coligida, com a esperança de que continuemos a lê-los nos anos que este lançamento marca como futuros.

Boa leitura!

Márcia Fortunato e Roberto Taddei

Bexigas coloridas no corredor da morte¹

Álvaro Uliani

Se fosse capaz de nomear o que faz de mim heterossexual, começaria pelo que senti e fiz ao ser desejado por Luiza naquele domingo. Dormíamos abraçados, os corpos grudados pelo suor seco. A claridade da manhã incomodava mais que o normal. Virei devagar para ficar de costas para a janela. Luiza despertou com meu movimento, ajeitou o corpo e, ao perceber meu pau duro, levantou levemente a perna esquerda, encostou a bunda na minha virilha, desceu a mão pelo ventre, esticou o braço até alcançar meu quadril, me puxou, empurrou a lombar e me colocou dentro dela com força.



¹ Trechos iniciais de um romance.

O leite da minha mãe secou quando meu pai entrou no quarto da maternidade e, ao vê-la amamentando meu irmão, gritou:

— Tire esse bezerro daí.

Minha mãe, quando me contou, pediu segredo. Mesmo assim, dividi a história com minha irmã.



Meu pai tem próstata.

Meu pai tem testículos.

Meu pai tem pau.

Meu pai passou por uma cirurgia de fimose quando menino (não sei se essa é uma informação relevante).

Meu pai se identifica como homem.

Meu pai, fosse perguntado o que faz dele um homem, diria, penso eu, que o que faz dele um homem é não ser uma mulher, é ter uma próstata, dois testículos e um pau — sem prepúcio.



— Ana?

Silêncio. Fui até o banheiro, só a toalha no chão. O celular tocou várias vezes antes de ela atender. Perguntei onde estava.

— No térreo.

— Vou descer.

Vesti uma bermuda e uma camiseta, calcei meus chinelos e desci os três lances de escada. Ela aguardava na calçada, de frente para a rua. Um táxi encostava. Corri e a alcancei antes que fosse embora. Estava pálida. Minha aparência não devia estar melhor. Como se não soubesse a resposta, perguntei se ela estava bem.

— Eu avisei que tinha horário. Pego as crianças agora cedo. Volta para a cama, está tudo bem.

A gente se beijou, as bocas secas. Ela entrou no carro. Ergui a mão para me despedir. Não retribuiu. Olhava para a frente quando o motorista acelerou.

Esperei o carro se afastar antes de tomar o rumo de volta, dessa vez passando pelo jardim lateral do prédio, as cores parecendo mais vivas que de costume.

A cabeça ameaçava doer quando entrei em casa. Pensei em passar um café bem forte, mas preferi voltar para a cama. Cheguei no quarto e encontrei Luiza nua, descoberta, os olhos fechados, o corpo esparramado sobre o lençol. Tinha mudado de posição, passando para o outro lado da cama, onde Ana costumava dormir.

Tirei a roupa e me deitei ao lado dela.

— Está tudo bem? — perguntou, aninhando-se no meu ombro.

Menti.



Minha mãe foi penetrada pelo meu pai na manhã seguinte ao meu parto, ainda na maternidade. Ela pediu segredo quando contou para os meus irmãos, mas minha irmã achou importante que eu soubesse.



Tenho próstata.

Tenho testículos.

Tenho pau.

Passei por uma cirurgia de fimose quando menino (não sei se essa é uma informação relevante).

Identifico-me como homem.

Se fosse capaz de nomear o que faz de mim um homem, penso que não ser uma mulher não seria a melhor resposta. Tampouco penso que o que faz de mim um homem é ter uma próstata, dois testículos e um pau — sem prepúcio.

Sou incapaz de nomear o que faz de mim um homem.



Já eram nove horas quando Luiza decidiu tomar uma ducha. Entreguei a ela uma toalha e a escova de dentes nova, comprada com os vinhos, os pães, os queijos e os preservativos que Ana tinha me pedido para providenciar, e fui para a cozinha passar aquele café.

A mesa estava posta quando ela entrou na sala, enrolada na toalha, recolhendo as roupas espalhadas pelo chão. Ofereci uma camisa limpa, se quisesse, mas preferiu vestir o mesmo vestido verde, as meias roxas e os sapatos Oxford da noite anterior. Pediu ajuda para fechar o vestido, abotoado pelas costas. Foi ao banheiro pendurar a toalha e voltou trazendo

uma escova que Ana mantinha na minha casa. Penteou-se e deixou os cabelos secarem naturalmente.



Meu pai é heterossexual.

Meu pai, fosse perguntado o que faz dele heterossexual, diria, eu penso, que o que faz dele heterossexual é o desejo que ele, aos noventa, ainda sente pela minha mãe, trinta e cinco anos depois de ter sido colocado para fora de casa por ela.



Com o café, Luiza e eu comemos um queijo quente e fumamos.

Não lembro se falei de mim. Devo ter falado, se tem uma coisa que faço, quase sem perceber, é falar de mim. Sei que falei da Ana, do quanto eu estava apaixonado por ela, torcendo para que Luiza, quando a encontrasse, falasse das coisas bonitas que eu disse e, quem sabe, omitisse que continuamos transando depois de Ana ter ido embora. Conteí que, de início, eu estava relutante com a ideia de uma relação aberta, mas, se a proposta era aquela, de liberdade com afeto e confiança a ponto de a minha namorada, depois de organizar um ménage, me emprestar para a amiga e emprestar a amiga para mim, e quando precisa ir embora de manhã

deixa o namorado e a amiga transando, saindo sem dizer nada, para não atrapalhar, e quando o namorado desce com culpa — essa parte da culpa eu não falei para Luiza — para encontrá-la, diz que está tudo bem e o manda subir tranquilo e — essa parte também não falei — o namorado finge que acredita e sobe tranquilo, a ideia de uma relação aberta não parecia tão ruim. Lembro-me de ter dito isso antes de Luiza perguntar as horas e dizer que ia embora e eu perguntar o que ela ia fazer no resto do dia e ela responder nada e eu ter morrido de vontade de convidá-la para passar o resto do dia comigo porque eu estava sem meus filhos e ela estava sem o filho dela, mas fiquei calado.

Fomos juntos até o portão e nos despedimos com um beijo molhado. Antes de voltar para o apartamento, sentei em um dos bancos do jardim para olhar as árvores. Naquela hora — talvez, reconheço hoje, embalado pelo md — cheguei a pensar, ou melhor, a concluir que, fosse o contrário, fosse eu quem tivesse que sair de manhã cedo, ficaria feliz de saber que Ana e Luiza teriam um momento só delas. Fosse eu que, ao acordar, deparasse com as duas transando, teria ficado bem. Tivéssemos feito um ménage com um homem, e não com Luiza, eu também teria ficado feliz pelo gozo da Ana e de quem quer que fosse o cara, tanto quanto eu tentava acreditar que Ana tinha ficado com o meu e o de Luiza.

Foi mais ou menos enquanto eu pensava essas coisas que subi as escadas de volta para o apartamento. Queria ligar para Ana, dividir com ela meus pensamentos edificantes. Queria inundar a cabeça de Ana para que ela não parasse para pensar — porque, no fundo, eu sabia que, se ela parasse para pensar, eu estaria fodido. Fui até o quarto buscar o celular e só então vi a mensagem:

— Pedro, Luiza ainda está aí?



No nosso segundo ou terceiro encontro, Ana me perguntou se eu já tinha ficado com homens, após me contar que tinha namorado uma mulher.

— Muita gente me pergunta isso, mas a verdade é que nunca tive vontade de sair com homens. Sou um homem de matriz feminina — expliquei. — Minha família é matriarcal, todos os meus tios são meio afeminados.

— Foi só uma pergunta, bonito.



Nunca discutimos regras. A linha divisória era o bom senso, Ana dizia. Estávamos saindo havia pouco mais de três meses, eu não conhecia ainda os limites e nunca tive bom senso.

Esperei uma hora para o efeito do md começar a passar, antes de escrever:

— Bom dia! Luiza foi embora faz tempo. Tudo bem por aí? Saudade.

Não respondeu. Mandei áudio, desses que geminiano manda, culpado, longo, dividindo minhas reflexões obsessivas sobre o que aquela noite significou para mim e o que eu achava que significava para nós. Não mencionei Luiza.

A voz dela chegou rouca, como a minha.

— Preciso de um tempo para processar o que aconteceu hoje cedo, mas acho que está tudo bem.

O tom dúbio não me acalmou, mas disfarcei.

— Claro, falamos mais tarde. Vou almoçar com Rossi.

— Olha, imagino que você queira contar a ele o que fizemos. Acho normal, e é até gostoso contar, mas tome cuidado, por favor, para não me expor demais.

— Não vou contar nada, fique tranquila.



Não sei se eu estava no quarto quando meu pai estuprou minha mãe na maternidade. O leite dela não secou. Ao que me consta, fui amamentado, ao contrário do meu irmão. Às vezes tento imaginar o estado em que minha mãe, aos vinte e sete anos, no puerpério, depois de ser estuprada pelo marido no quarto do hospital, me recebeu para a amamentação, seu terceiro filho, um bebê do sexo masculino, com próstata, testículos e pênis, terceiro filho que ela já não queria após passar por um aborto espontâneo no ano anterior, terceiro filho que era puro desejo de meu pai, terceiro filho que carregava como segundo nome o primeiro nome do pai, terceiro filho que pode bem ter nascido de outro estupro.

sumário

Álvaro Uliani (a_uliani@icloud.com) é advogado e escreve.

Conto como coro¹

Artur Kon

1. Observado...

- 1.1. Mas e se alguém nos visse aqui assim, sentados aqui assim, um do lado do outro?

- 1.2. Um do lado do outro num banco, um já estava aqui sentado, o outro chegou e se sentou também, não sem antes falar algumas palavras para o um, mas ninguém poderia tê-las ouvido, foram emitidas no volume mínimo necessário para que apenas o um ouvisse, criando uma barreira provisória de intimidade no meio desse espaço aberto, público, hostil, num banco qualquer de uma praça onde qualquer alguém poderia nos ver.

¹ Título provisório da primeira versão de um livro, cujo início é apresentado aqui.

- 1.3. E o um que já estava lá antes olhou para o outro que chegava só agora e respondeu algo também baixinho, olhou com quase um sorriso, um aceno de cumplicidade, e ficamos nós dois sentados aqui assim, e quem nos visse então já poderia concluir que éramos uma dupla, mesmo que não pudesse saber a natureza da nossa união, se somos um casal ou amigos de longa data ou colegas de trabalho ou vizinhos que costumam se encontrar aqui pela região ou apenas conhecidos que quiseram mostrar que se reconheceram por educação e cordialidade.
- 1.4. De todo modo, esse alguém que nos viu já pôde, apenas por esses poucos gestos e atos, deduzir que há alguma relação entre nós, que há alguma coisa que permite que nós dois sejamos vistos como um tipo de unidade, que sejamos nomeados ao mesmo tempo numa frase, que recebamos nós dois um só pronome porque esse pronome daria conta de falar de nós dois.
- 1.5. E mesmo que não haja, mesmo que nunca tenhamos nos visto antes, mesmo que nunca voltemos a nos ver depois: mesmo assim nós

2. ... no ponto de ônibus

- 2.1. Estamos apinhados, tentando nos proteger da chuva.
- 2.2. Ao mesmo tempo, tentamos não nos aproximar demais, sobretudo não nos encostar. Alguém de fora poderia dizer que isso nos individualiza, esse espaço pessoal preservado, esses poucos centímetros formando um colchão de ar entre nossos corpos. Ainda que possamos sentir o calor da pele de nossos vizinhos.
- 2.3. Nós diríamos antes que isso nos une: o respeito pelo coletivo. Um individualista aqui seria o primeiro a perturbar essa ordem, a tomar para si o espaço desse para-choque que, sendo imaginado, convencionalizado, nem por isso é menos real. Aqui embaixo não cabe mais ninguém.
- 2.4. Quando — depois de muita espera, tanta que já nos sentimos como velhos conhecidos, já nos habituamos às idiossincrasias alheias, já perdoamos os deslizes e até nos afeiçãoamos — chega enfim o ônibus, ninguém sobe. Seria a salvação da chuva, que aqui embaixo não deixa de respingar em nós. E não era para isso que estávamos aqui? A porta já se

fecha, pela de trás já escaparam alguns passageiros que agora correm para se proteger em algum outro lugar, algum espaço onde caibam ou o que lhes coube, suas casas, quem sabe. As nossas ficam mais distantes conforme o ônibus segue viagem sem nós. Já não somos os mesmos, já não caberíamos nelas.

3. ... em um viaduto

- 3.1. Passando por cima, ouvimos de repente um som, um estrondo alto que a princípio soa como o anúncio de um acidente, de algo que não deveria acontecer. Nos entreolhamos, como se perguntássemos uns aos outros pelo sentido daquilo. Mas só a dúvida nos une.
- 3.2. Aos poucos, faz-se ouvir: o que escutamos não era acidental, era o começo de algo intencionado, algo orquestrado, algo que podemos até concordar em chamar de música.
- 3.3. Nos debruçamos no parapeito, mas nenhum de nós é capaz de enxergar a origem daquelas batidas, e agora é possível distinguir: vozes. Também não somos capazes de abandonar o viaduto sem mais nem menos.

- 3.4. Se decidimos descer, isso dispensa discussão e deliberação, basta um entendimento tácito comunicado pelo olhar, seguir talvez a iniciativa de um primeiro entre nós que, contudo, não poderíamos apontar se nos pedissem, é mais uma sensação de que alguém se moveu e de que aquilo fazia sentido e de que nós gostaríamos de nos mover também e na mesma direção.
- 3.5. Temos que voltar ao começo do viaduto, começo para nós que íamos para lá, final para aqueles que vinham para cá, agora todos tomamos o mesmo rumo, descemos as escadas, nosso número causa espanto em quem vinha subindo.
- 3.6. Lá embaixo: ninguém. Silêncio.
- 3.7. Começamos a cantar.

4. ... em nossa casa

- 4.1. Ficamos sabendo que há um tesouro enterrado ali. Nos juntamos, somamos nossas economias, conseguimos o suficiente, nada mais. Compramos a casa.

- 4.2. Apesar de linda, apesar do tamanho perfeito para nós, apesar de não termos outra e da pena que sentimos, demolimos a casa. Cavamos, cansamos, nos encorajamos, seguimos. Desesperamos de encontrar. Buscamos ânimo novo uns nos outros. Encontramos. Festejamos.
- 4.3. Com o tesouro, conseguimos construir uma casa — exatamente igual à anterior, nada mais — onde vivemos felizes para sempre.

5. ... à beira do campo

- 5.1. A gente fez o melhor que pôde. A gente estava unido, concentrado, preparado. A gente sabia o que tinha que ser feito. A gente não deixou a peteca cair. A gente estava numa sintonia que parecia mágica. A gente parecia uma só mente em onze corpos. A gente se espalhava e continuava se sentindo próximo. A gente mostrou que ninguém aqui é mais importante que ninguém, que ninguém quer ser mais importante que ninguém. A gente tinha olhos em todos os pontos do campo, a gente nem precisava olhar pra saber onde estava a bola. A gente estava tão junto que até o time adversário começou a parecer

que estava do nosso lado. A gente veio. A gente viu. A gente só não venceu. Mas pra isso a gente já nem ligava.

6. ... na saída do cinema

- 6.1. Todo filme de zumbi é igual: a gente começa acompanhando uma só personagem, no máximo duas, mas aí uma é mais importante que a outra, uma é forte e precisa proteger a outra, que é fraca. Aí essa pessoa vê aquela massa de gente que já não é mais gente, aquela gente suja com cara de nada, todo mundo igual.
- 6.2. Aí, das duas uma: ou a pessoa demora pra perceber o que aquilo é, mesmo que a gente mesmo já saiba, porque no mundo dos filmes de zumbi ninguém nunca ouviu falar em zumbi, ou a pessoa já sabe que são zumbis, mas aí a gente imagina que em algum momento ela não sabia. Antes do filme começar.
- 6.3. Aí essa pessoa mata ou foge ou um pouco de cada. E a gente sabe o que ela precisa fazer, o que ela está fazendo: procurando um lugar seguro.

- 6.4. Aí a gente já sabe: no caminho pra onde quer que seja o lugar seguro naquele filme específico, essa pessoa ou essas pessoas vai ou vão encontrando outras pessoas que também estão procurando um lugar seguro. Aí a gente já sabe: ela vai desconfiar dessas pessoas ou essas pessoas vão desconfiar dela, mas elas vão superar as diferenças para ficarem mais seguras na busca do lugar seguro, ou talvez, na verdade, provavelmente, a gente já sabe, uma delas não vai superar nada e vai acabar morrendo, e talvez também morra alguém que a gente não sabia que ia morrer, mas que alguém ia morrer a gente já sabia. Aí no fim tem mais gente do que no começo, e essas pessoas chegam no lugar seguro e o filme acaba.
- 6.5. Mas se o filme continuasse, a gente veria melhor essa gente segura nesse lugar seguro, a gente veria que depois de tudo isso essa gente quase já nem é mais gente, todo mundo sujo, todo mundo com cara de nada, todo mundo igual.

7. ...

- 7.1. Você diz que não quer mais andar conosco. Que não sabemos quem você é e que por isso você

precisa andar sozinho, antes que você mesmo deixe de saber quem é. Nós sabemos, digamos logo e inequivocamente que sabemos quem você é, mas *o que* você é? Aí já não se trata de sabermos ou não sabermos. Nós fazemos o que você é, e sem nós você não é nada.

- 7.2. Você diz que não quer mais ser forçado a andar conosco. Que entre nós não há liberdade para cada um ser cada um, que conosco cada um é só uma peça do nosso mecanismo. Mas quem te amarrou, colou, rosqueou, encaixou aqui? Quem sequer encostou em você? Quem fez qualquer tipo de chantagem ou manipulação? Quem está te impedindo de partir?
- 7.3. Você diz que não vai mais andar conosco. Mas a estrada é uma só, e nós somos muitos: não importa a direção que você tome, não importa o quanto você julgue se afastar. Estaremos lá. Andando com você.
- 7.4. Também não temos opção.

Peixes do ar

Bruno Pernambuco

1.

Era uma vez um homem. Seu nome é José Arcadio. Essa história, como todos sabem, é sobre seu filho, mas convém apresentar primeiro o pai. José Arcadio, carpinteiro, foi o fundador de um povoado na mata, depois das colinas de Riohacha. Partiu de um outro vilarejo, junto com uma comitiva de locais, esperando encontrar o mar. Depois de rodear a selva em esforços inúteis, o grupo decidiu que seria melhor parar e fundar uma cidade onde estavam, ao lado de um largo rio que corria com águas diáfanas. Usando a madeira que levavam em lombos de burro, em apenas oito dias e oito noites, José Arcádio ergueu as primeiras casas do povoado que chamariam de Macondo, construções simples de pau a pique, ideias para o solo pantanoso do lugar.

Desde a construção de Macondo, José Arcadio desejava ter um filho a quem pudesse ensinar sua profissão. Imaginava

um garoto que seria um carpinteiro cem vezes mais habilidoso que o pai, capaz de transformar aquelas choupanas pobres em elaboradas mansões e palacetes seguindo as últimas tendências de estilo. Porém, Úrsula, sua mulher, por alguma razão que José Arcadio desconhecia, não suportava a ideia de ter um filho, e recusava violentamente as investidas do marido.

Os anos passaram, e Macondo cresceu. Pouco a pouco, o povoado atraía uma coleção peculiar de habitantes, algumas famílias que cruzavam a fronteira vindas da Venezuela, fugindo da pobreza em Maracaibo, outras que vinham de Medellín, e que diziam ter feito um desvio errado tentando chegar em Cartagena de Las Índias. Depois de mais algum tempo, vieram, um dia, os primeiros brancos a passar por Macondo: uma trupe itinerante de ciganos vinda do leste da Europa. Aquelas figuras estranhas causaram uma fascinação imediata nos moradores. Homens de quase três metros de altura tinham o corpo todo raspado, cauterizado para que nunca mais nascessem pelos, e coberto inteiramente de tatuagens. Mulheres de cabelos longuíssimos, ondulados e escuros como ninguém em Macondo já vira, liam a sorte nas mãos e ensinavam às senhoras do povoado danças tradicionais, que lhes deslocavam o ventre de formas que não sabiam ser possíveis.

Entre essas pessoas, estava um homem chamado Melquíades. Era uma figura taciturna, sábia, mais velha que o resto da trupe que rodava o mundo. Carregava consigo uma bolsa mágica, cheia de artefatos desconhecidos dos habitantes de Macondo. Alguns juram ter visto, nas mãos de Melquíades, a Pedra Filosofal. Era um bloco feito inteiramente de água, límpido e eternamente cristalizado, que soltava uma fumaça fria pelo ar que o cercava.

José Arcadio se tornou, de todos os habitantes da cidade, o mais próximo de Melquíades. Quando lhe contou ser carpinteiro, o forasteiro respondeu que tinha algo para lhe entregar. Tirou de sua bolsa de juta um pedaço de madeira que disse ser encantado, imolado, muitos anos antes, num ritual arcaico, com óleo de papoula sumério. Avisou que José Arcadio tomasse cuidado, pois se tratava de um pedaço de madeira encantado, capaz de se tornar vivo. Acrescentou que tinha andado à espera de alguém que pudesse trabalhar esse tronco mágico, e que agora finalmente havia encontrado essa pessoa em José Arcadio. A princípio, o homem duvidou das palavras do cigano. Guardou o pedaço de madeira em sua casa, olhando para ele todos os dias, debochando da mentira contada por Melquíades. Mas uma pitada de curiosidade, um fascínio pela ideia de que aquela história pudesse ser verdadeira, vivia dentro de José Arcadio. Depois de algumas semanas, ele tomou

uma decisão. Para colocar à prova as palavras de Melquíades, esculpiria naquele toco a figura de um menino. Se o forasteiro dizia a verdade, José Arcadio teria a criança que tanto desejava, independentemente das vontades de Úrsula.

Foi assim que começou a história do coronel Aureliano Buendía, o revolucionário conhecido por toda a América, que alguns ainda hoje perseguem. Quando nasceu, porém, ele ainda não tinha esse nome. José Arcadio passara três dias e três noites trabalhando a madeira imolada de Melquíades, até criar a figura de um garoto, no qual se viam claramente características tanto suas como de Úrsula. Terminou de esculpir seu filho, cético da promessa feita pelo viajante, mas bastou deixar de lado o martelo e o cinzel, que as palavras do cigano tomaram vida de um modo que José Arcadio não poderia imaginar. Primeiro, o boneco mexeu os braços e as pernas. Depois, pulou da mesa de trabalho de José Arcadio, foi até ele e o abraçou, dizendo “Papai, papai!”. Atônito, José Arcadio não conseguia responder ao filho. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, o garoto o soltou, deu um pulo e, com uma energia que José Arcadio nunca vira, saiu correndo, nu, pelas ruas de Macondo.

Por horas, José Arcadio perseguiu o filho pela cidade, seguindo-o pelas colinas no fim do povoado, atravessando várias vezes o rio de águas diáfanas que o garoto conseguia passar

num pulo, tudo isso sem chamá-lo. Quando finalmente o alcançou, segurou-o pelo braço e levou-o de volta para casa. Exausto, o menino se deitou na cama de José Arcadio e dormiu profundamente o primeiro sono de sua vida.

Enquanto isso, José Arcadio foi falar com Úrsula. Explicou que agora tinham um filho, e pediu que fizesse algumas roupas para o menino com os trapos que sobravam das costureiras do povoado. Ela assentiu. Sabia, naquele momento, algo de que José Arcadio nem desconfiava – que, apesar de todos os seus esforços, por ter se entregado uma noite ao marido, carregava no ventre outra criança. A primeira vez que Úrsula conheceu seu filho foi no dia seguinte. Ela foi até o quarto de José Arcadio e trouxe para o menino as roupas que tecera na noite anterior, junto com a primeira refeição de sua vida: café preto sem açúcar, arepas e banana frita. Vendo a criança, seu coração amoleceu. Ela pensou em sua intransigência e nos temores que por tanto tempo a proibiram de sentir algo cálido e fundo como sentia agora. Percebeu que aquela criança era, também, seu filho. Foi ela quem o batizou. Decidiu que o segundo filho, aquele que esperava dentro de seu corpo, teria o nome de José Arcadio, e que este aqui, pela cor amarelada de seu corpo, chamariam de Aureliano.

A primeira vez em que o nariz do coronel Aureliano cresceu foi quando um homem recém-chegado em Macondo veio

lhe perguntar qual era o melhor ponto para pescar no rio de águas diáfanas. Repetindo o que o irmão José Arcadio lhe dissera uma vez, o jovem Aureliano disse que o rio corria em direção às colinas, e que no alto de uma delas havia uma terra prometida para onde os peixes migravam, um céu aquático cheio de minhocas que brotavam do chão do rio. A cidade toda, ao ver o nariz do menino espichando, fugiu como se visse um raivoso espumar. O futuro coronel voltou assustado para a casa dos pais, e pela primeira vez se trancou num dos lugares que, ao longo da vida, entenderia como casa: a oficina construída por Melquíades na época de sua visita.

José Arcadio, enquanto a cidade em polvorosa se alarmava, querendo expulsar o garoto, percebeu com sua experiência o potencial econômico do dom de seu filho. Foi até a oficina de Melquíades com uma de suas serras de carpintaria, e cortou fora o pedaço aumentado do nariz de Aureliano. Vendo que o garoto não chorava, nem aparentava qualquer dor, o pai percebeu que o filho era a chave para triplicar sua produção mensal. Para Úrsula, porém, o acontecimento representava o contrário. Mesmo não tendo nascido de seu ventre, Aureliano lhe provaria que seus filhos eram como todas as crianças das mulheres incestuosas, seres que nascem com chifres e rabo de porco. Expulsou, então, seus filhos de casa, apesar dos protestos de José Arcadio, o velho, e igualmente amaldiçoou o nome do marido, que a condenara à vergonha que passara a vida inteira tentando evitar.

sumário

Bruno Pernambuco (brunocabuco@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1997. É escritor e pesquisa questões ligadas à escrita de ficção.

Rua Guarani

Clarice Reichstul

Rua Mauá, sábado de janeiro. Porta emperrada, meteu um chutão. A luz dura do meio-dia enterrou feito bisturi no cérebro, tão dilapidado pela noite anterior. Sorte que dormiu a manhã toda. Azar que perdeu a hora. Sorte que o uniforme ainda estava limpo na mochila, mas era dia de feira. Pra quem tava de ressaca, a catanga da barraca de peixe funcionava como uma progressão geométrica negativa no placar da vida cotidiana, volta nove casas. Caceta, dia ruim.

Não tinha toldo que aliviasse. Foda, a Tina ia encher o saco. Maria decidiu atrasar mais e pegar um café na esquina da Prates, jogar uma água no sovaco, lavar o rosto. Atravessou a estação e acendeu o cigarro enquanto cruzava a rua — melhor ir pelo parque — e as ideias começaram a desembaralhar com a fumaça no peito. O zap bombando, duas horas de atraso. Foda-se. Cruzou com os noias de sempre. Tudo doído

jogado na sombra das árvores que beiram a grade do parque da Luz. Lembrou-se daquela mina.

— Qual seu nome?

— Ninguém — ela respondeu, com os dentes faltando e aquela pintura corporal de cocô, estilo militar-índio-americano. Diz que as minas do fluxo fazem isso para evitar que se chegue perto. Deve funcionar, é uma inhaca de matar. Como conseguia viver sob aquelas camas todas de saco de lixo, roupas velhas? E o cheiro, aquele cheiro. Pior que o das entranhas de peixe na feira.

Desceu a Prates em direção à Guarani. Pediu uma média e uma coxinha no balcão do bar e foi trocar de roupa no banheiro. Deu aquele agá: jogou água no rosto, sovaco, passou desodorante, ficou com preguiça de escovar os dentes, então só bochechou com água e pasta. Pra quem é, tá bom. Colocou o uniforme, não dava pra chegar com a roupa incensada de cigarro no trampo, não combinava com a justificativa do pronto-socorro.

Engoliu a coxinha entre goles de café com leite. Viu um torresmo na vitrine, pediu. Animou e mandou um conhaque também. Pelo menos dava pra amaciar essa chegada na loja. Se sentiu mais forte e completou o vale com um pão na chapa.

Na saída do bar e lanches recebeu aquela lufada de ar quente embostalhado e quase caiu pra trás. Ninguém estava ali do lado, duas portas pra frente, embolada em seus sacos plásticos, casaco de inverno sobre mais três malhas. Tentava acender uma pedra no cachimbinho com um isqueiro seco. Devia estar delirando, ria e olhava pra ela em estado de delícia feroz. A comida toda subiu pela garganta, deu aquele engulho. Ninguém olhava em seus olhos enquanto tentava levantar. Sentiu um arrepio nas costas e a testa suou frio. Recuou dois passos e tropeçou numa mureta de canteiro, caiu no meio-fio. Ninguém se arrastou até ela e deu uma bafurada com cheiro de querosene em sua cara. Riu extasiada e olhou fascinada o joelho que Maria ralou na queda, era uma borra de sangue largo, prestes a transbordar. Ninguém esticou a mão, como que para pegar aquela pedra preciosa. Maria não aguentou, vomitou o torresmo, a coxinha, a mé-dia, o pão na chapa na mão de Ninguém, que rolou de volta pra junto de seus pertences, satisfeita consigo mesma.

Maria se levantou cambaleando.

Agora não precisava inventar mais nada, estava tão pálida e desgrehada que Tina acreditaria em qualquer coisa.

O cheiro de peixe foi ficando cada vez mais forte, cruzou a feira. A essa hora, não importavam os esguichos de água, o

gelo derretido — os vapores de entranhas e carcaças fediam tanto quanto Ninguém. Segurou o segundo vômito e entrou na loja de conveniências, orando para que o aparelho de ar-condicionado central tivesse sido magicamente consertado em sua ausência. Claro.

— Porra, Maria, não viu as minhas mensagens? Boa tarde.

— Fala, Tina! Mal aí, meu celular tá dando uns paus, eu tive que ir ao pronto-socorro ontem de noite, fiquei até as 9 da manhã para atenderem minha mãe. Estou um bagaço.

— Já te falei pra me avisar nessas situações, a gente dá um jeito. Mas não é por isso que eu mandei mensagem mais cedo. Viu o grupo geral? Ou as notícias? — disse, apontando a televisão perto do caixa, ligada em um canal de notícias.

Um grupo de manifestantes raivosos era contido por uma barreira policial em frente a um prédio comercial, desses espelhados da Berrini. Na legenda rotativa: “Agora: funcionários da rede Oxxo ameaçam invadir sede da companhia. Exclusivo: presidente recém-empossado da rede Oxxo divulga fato relevante e pede demissão. Saiba mais: sexta-feira de caos. Oxxo derruba a bolsa em meio a acusações de fraude contábil.” Uma repórter posicionada na área protegida da entrada do prédio com a multidão por

trás do cordão de isolamento entrou ao vivo: “E a situação continua tensa...”.

— Que caralho tá acontecendo, Tina?

— A Oxxo já era. Se não for essa segunda, na próxima estamos na rua. Sem 13º, banco de horas, férias vencidas, nada.

Maria acendeu um cigarro e tragou fundo.

— Qué isso, Maria? Tu sabe que não pode fumar dentro da loja!

— Tina, que loja? Já era.

Maria encheu o peito de fumaça e contemplou. Caralho, Ninguém filha-da-puta, bicho agourento. Passou os olhos pelas mensagens do grupo. Os supervisores haviam parado de responder às perguntas no dia anterior. Era um mar de reclamações e lamúrias, cujas correntes foram ganhando tração ao longo das horas entre sexta e sábado. A essa altura, as demandas ficavam entre desespero e ameaças e a maré só fazia subir. Olhou em volta, aquela merda de loja quente. Na TV, imagens de lojas Oxxo vandalizadas e saqueadas pelos próprios funcionários. Fulaninho saindo porta afora com geladeira expositora no carrinho do estoque.

— Dispensei o Jonas, tinha que levar a mãe no pronto-socorro. Fazer o quê? Falar pra ficar?

— Tô ligada, chefe. Mas e agora?

— Não sei.

Maria inspecionou os bens da loja: expositores, câmeras de segurança, computador do caixa, impressora fiscal.

— Se a gente passasse isso tudo no cobre? Tamo do lado da Rua Vitória, rapidinho eles levam.

— Não dá nem pro cheiro, Maria, se liga.

— A gente podia vender tudo: bebidas, comidas, produtos de limpeza...

— E ser presa por mixaria? Primeiro que, nessas condições, não levantamos nem mil pra cada. Depois, tu não acha que vão vir atrás da gente? Nós duas aqui, cê acha que o quê? Que não tem gente olhando essas câmeras de segurança?

Ninguém gesticulou lá de fora, Maria não percebeu. Soltou um grito, mas a voz era rouca e pouca. Maria não ouviu e também não viu a multidão que crescia no larguinho em

frente à loja. A primeira pedra acertou uma das geladeiras expositoras e logo depois veio uma saraivada delas, seguida de uma onda de gente furiosa. Era uma mistura de empregados da Oxxo com transeuntes e noias da região. O uniforme vermelho e amarelo dos funcionários eram pontos coloridos em uma multidão acinzentada. Som de uma garrafa que estourava, uma prateleira de salgadinhos revirada. Um gaiato abriu um pacote de pipoca doce no meio da confusão, por um segundo um cheiro de açúcar queimado no ar. Tina caiu inconsciente com uma pedra, daquelas da primeira leva. Sangrava atrás do caixa. O titio que dormia na marquise na rua da Graça pegou todos os chocolates do expositor de caixa, pisando sem querer na mão da gerente desacordada. Lá no fundo, Jonas enfurecido tentava tombar uma geladeira de cerveja cheia.

— Para, cê tá loco? Deixa a gente pegar essa breja, depois você tomba o que quiser — berrou uma menina que rapidamente organizou uma fila de outras meninas, e em menos de um minuto sumiram dali. Um funcionário ajudava Jonas. Outro expositor, ainda cheio de garrafas de sucos, tombou. Uma mancha roxa brotava debaixo da geladeira.

Som de sirene lá no fundo. O chão da loja era um pântano de suco de uva e batata palha. As pessoas se estapeavam pelos pacotes ainda inteiros de qualquer produto. Maria disputou

sua mochila com um dos noias que viu dormindo mais cedo no parque. Não viu quando o estilete enferrujado do menino entrou. A mancha vermelha brotou rapidamente. Levou mais uma, por garantia, e os malucos, talvez animados pelo comportamento de manada, usaram as garrafas quebradas do chão pra terminar o serviço.

Alguém gritou alguma coisa num megafone, mas não dava para entender. Barulho de latas caindo no chão. Ninguém viu quando as bombas de gás lacrimogêneo explodiram.

Cada um que saía da loja fugindo do gás era algemado pelos PMs e mandado para um camburão. Na rua, Ninguém ria, tentava pegar a fumaça com a mão.

sumário

Clarice Reichstul (creichstul@gmail.com) é formada em Cinema. É cozinheira e escreve.

Presente do futuro

Eduardo Gabor

Imagina só. Um sábado de sol e muito calor em pleno mês de maio. De típico, a poluição e o ar seco. No chão da sala, dobradas em pilhas, as roupas de bebê. Minha namorada explica que decidiu doar tudo. Ela viu um post no Instagram dizendo que se alguém tem alguma coisa parada em casa e está na dúvida se ainda quer, agora é a hora de doar.

O som da fita adesiva sendo arrancada do rolo parece que rasga alguma coisa dentro de mim. Puxa, prende, corta, cola. Ela separa as roupas com o mesmo tamanho, junta em um saco e fecha com a fita. Por cima, vai uma etiqueta que diz, sei lá, camisetas de manga longa para recém-nascidos, tudo abreviado. Pressa.

Você não quer me ajudar a montar as caixas?, ela me pergunta. Quero, claro. Nossa filha ainda não almoçou, mas voltou tão cansada da aula de natação que foi tirar um cochilo.

Qual é a dessas fitas, que precisam se emaranhar antes de chegar ao destino? Encontro a ponta, puxo, faz o som que rasga, seguro na ponta, cadê a tesoura? Amor, passa a tesoura? Pronto, a fita já se espremeu. Ponta, puxa, rasga, dessa vez a tesoura está por perto.

Não é a primeira vez que juntamos o que não queremos e mandamos embora. Tem sempre gente que precisa. Começa o frio, campanha do agasalho. Normal. Mas agora é diferente. Um estado inteiro debaixo de água. Todo um mundo tomado pelo rio que subiu e invadiu a vida daquela gente.

Lembro-me da professora da segunda série que desenhou na lousa por que os presidentes de todos os países estavam no Rio. Era 1992. Ela fez um semicírculo para representar a superfície terrestre e mais um outro logo acima — a camada de ozônio. De longe, os raios de sol chegam para aquecer a Terra e são filtrados por essa camada. Sem ela, vai ficar quente. E tem mais. A fumaça que sai dos carros e das fábricas fica em cima da gente e não deixa o calor se dissipar. Efeito estufa. Ainda levaria anos para eu descobrir o que é uma estufa de verdade, dessas que seguram o calor para as plantas crescerem.

O macacão verde de bolinhas, blusas listradas, o *body* de flamingos. Ela usou tão pouco. Bebê cresce rápido, nem dá

tempo de usar direito. As roupas ficaram esperando a gente decidir se queremos mais um filho. Um dia, quem sabe? Um dia, se der vontade. Mas esta coisa de guardar para pensar é do mundo de antes, quando as tragédias se insinuavam e quase dava para fingir que a vida seguia seu curso. Normal.

Ninguém mais fala da camada de ozônio nem do efeito estufa, mas o clima mudou. Chove muito, faz um calor que não se via, inunda, soterra. Extremos. As pessoas precisam dessas roupas agora porque elas perderam tudo na enchente do rio. Não dá para esperar até decidirmos se vamos ter segundo filho ou não. Se vier, compra tudo de novo. Será que teremos juntado coisas para doar até o próximo desastre?

Quando a bebê, que já não é mais bebê, acorda e, na ponta dos pés, consegue abrir sozinha a porta do quarto, quer ajudar a embalar as roupas. Puxar a fita, cortar, colar a etiqueta com os tamanhos. Dá para acreditar que você cabia nesta blusa? Ela não parece surpresa. No mundo dela, isso é normal. Os bebês crescem, chove demais, as pessoas perdem tudo e esperam até que alguém venha resgatá-las de barco ou de helicóptero, com colete brilhante da Defesa Civil. Normal.

[sumário](#)

Eduardo Gabor (eduardogabor@gmail.com) é escritor, tem 40 anos e nasceu em São Paulo, onde vive com sua namorada e sua filha. É formado em Administração e trabalha com gestão de projetos de educação pública.

Amor e ficção

Flávia Leal

Ela não tinha como ter certeza, mas não, não podia ser. Seria improvável, para não dizer impossível. Por certo, era mais óbvio acreditar nisso: a borboleta com cheiro fresco de palmeira de buriti não tinha se apaixonado por ela. Nem ao menos por suas lágrimas? Não, provavelmente não. Ela gostava de imaginar que sim, mas ela era uma borboleta, então devia ser como as outras: só tinha sede.

Elas vinham em bando para beber os pingos que saíam de seus olhos enrugados — não beijavam a velha tracajá, não tinham pena de sua solidão. Não havia um boa-tarde, como você passou, há quanto tempo você vem aqui, esse rio é muito fundo, como você não se afoga, querida, como pode olhos tão salgados e uma pele tão doce, *that's life, that's life*, o que é o tempo para você, você viu a cobra-grande, lá no fundo, você chegou nas costas do céu, sua pele é tão doce, você já se rendeu ao mistério?

Nada. Quase oitenta anos de nadas na vida da velha tracajá. Oitenta anos de nadas e infinitas borboletas que só traziam a sede. Bebiam de suas lágrimas, iam embora e não deixavam uma história, uma angústia, uma falta.

Teve uma vez que a tracajá jurou ter visto um Chullachaqui com os olhos amarelos imensos e a pele verde como a rã-kambô. Se aproximavam as primeiras horas da tarde, e logo as borboletas viriam para beber de suas lágrimas — ela não sabia por quê, mas só chorava à tarde. A tracajá queria contar que viu, viu sim, ele era verde, verdinho, e ria muito com os dentes pontudos saindo para fora da boca. Ela ficou tão feliz com a aparição do Chullachaqui que achou que não ia chorar, mas chorou.

Como em todas as tardes, as borboletas chegaram perto dela, beberam de suas lágrimas e partiram em seus voos secos. Ela não contou sobre o Chullachaqui. Não disse nada, como vinham sendo todos os dias nos últimos oitenta anos. Eram muitas borboletas. Talvez milhares de labaredas de fogo, geração após geração, bateram asas e engoliram o sal que a velha tracajá chorava.

Desde muito jovem, ela se incomodava com aquilo. Era desconfortável. Nas primeiras vezes, ela se balançava, se mexia o quanto podia, mostrava a língua em protesto. Como ela inve-

java os jabutis que podiam se esconder inteiramente em seus cascos. Ela conseguia cobrir quase todo o corpo, mas a cabeça não cabia. Era seu carma, seu destino: ser pouso, ser tocada, bebida e sugada. E ainda tinha o cheiro de maracujá. As borboletas traziam um aroma nauseante de maracujá. Ela não suportava. Talvez, por isso, tentava não chorar mais. E adiantava? Bastava chegar a tarde e as lágrimas vinham junto.

Ela queria usar um pouco da magia do Chullachaqui, só um bocadinho já bastava. Num átimo, faria com que o ar úmido, quase tão molhado como a água do rio, ficasse congelado, e os insetos alados se tornariam fadas de gelo e seriam engolidos pelo rio para sempre. Mas não. Ela só podia respirar o ar de água borrifada e jorrar sal pelos olhos.

Ela chorava, mas o que queria mesmo era falar de mistério. Ela queria dizer às borboletas: vejam só, olhem para cima, os pássaros escreveram nas folhas dessa árvore. Árvore de guaraná. Eles escrevem nessas folhas e, quando elas caem, contam os poemas para a terra. Os pássaros gostam muito da terra, eles são um pouco de terra. Um pouco de terra e muito vento, como vocês. Eu queria ser vento, mas sou apenas terra e água. Os pássaros buscam durante toda a vida o poema que vão escrever. Eles usam a tinta da chuva. Eles escrevem com as gotas da chuva. Eles buscam a última gota que descansa nos olhos moles do guaraná antes de cair.

É essa gota que traz o poema deles. O único poema que eles têm em toda a vida. Quanto tempo dura a vida de um pássaro? Eu fico no rio, mas sou floresta também. Vocês sabiam que uma árvore é uma família de plantas únicas? Não é um indivíduo, mas uma comunidade. As plantas escolheram ficar presas à terra, enraizadas. E embaixo da terra, existe um mundo. Vocês sentem? Eu fico aqui, parada, todas as tardes, e sinto. Acho que as raízes estão cantando agora mesmo. Eu escuto com meu casco, com meu coração. O que é um dia na vida de uma árvore?

Mas não dava para falar de mistérios. Era mais uma tarde de nada. Só lhe restava imaginar. Imaginar e fazer lágrimas e solidão. E se? Naquela tarde teve um “e se”. Talvez tenha sido o cheiro de buriti que a atraiu. Era a única borboleta, em oitenta anos, que não cheirava a maracujá. Quando ela se aproximou, a tracajá não sentiu na língua o mesmo gosto azedo de sempre. Ela sentiu um gosto amadeirado, um cheiro de casa. Como se, pela primeira vez, tivesse sido abraçada pelas asas da pequena borboleta. O toque era diferente: macio, delicado. Será que era um beijo? Um beijo de buriti?

Depois desse encontro, talvez a notícia na revista científica não seria

Las mariposas dryas iulia beben las lágrimas de las taricayas del río Tambopata, en la selva amazónica peruana,

e sim

Una vieja taricaya del río Tambopata se enamoró de una mariposa dryas iulia, en la selva amazónica peruana.

Mas como amar se, de um lado, havia o desejo e, do outro, o silêncio com cheiro de buriti?

Em oitenta anos, apesar do contato íntimo em seus olhos, suas bochechas, em sua careca, ela não tinha aprendido a falar a língua das borboletas. Só conhecia o idioma das traca-jás e uma palavra ou outra das tartarugas e dos jabutis. Mas das borboletas... Talvez se ela voasse, se vivesse alguns dias ou poucos meses, se passasse por uma grande metamorfose de ovo, lagarta, casulo e imago. Como dizer o que sentia? Como perguntar à borboleta-buriti o que ela sentia? Não havia ninguém para traduzir. Nem mesmo o Chullachaqui da floresta, nem a cobra-grande do fundo do rio. Nem se ela fosse um tracajá poeta. Enquanto a borboleta-buriti era toda a beleza em comunhão com o céu, a terra e a água, ela era só lágrimas e solidão. A tracajá não podia criar um poema para a borboleta, então fazia mais lágrimas.

Diriam os cientistas do Centro de Investigaciones Tambopata, do Peru: *las taricayas lloran para mantener los ojos húmedos cuando están fuera del agua. Esto atrae a las mariposas dryas iulia que buscan sal, proteínas y otros nutrientes.* Mas a tracajá não conhecia os cientistas do Centro de Investigaciones Tambopata. Ela não chorava por ciência. Nem porque precisava soltar o sal por suas lágrimas, assim, tão científica. Ela chorava de amor. Em oitenta anos, pela primeira vez, a tracajá chorava de amor.

Ela continuou a chorar todas as tardes durante os meses em que a borboleta-buriti a visitou e bebeu com delicadeza suas lágrimas. Ela reconhecia de longe sua borboleta em meio às outras labaredas de fogo que batiam asas perto de seus olhos — elas pareciam folhas secas que dançavam no ar. Era um amor inventado pelo fogo amadeirado das asas da borboleta-buriti. Um amor imaginação-e-floresta. Um amor de rio salgado. Não é isso, justamente, que todos carregamos em nossas células: amor e ficção?

A tracajá continuou a chorar, toda ela solidão e lágrimas. E chorou muito tempo ainda todas as tardes, mesmo depois que deixou de sentir o cheiro de buriti.

Até o dia em que não chorou mais.

sumário

Flávia Leal (fla.c.leal@gmail.com) é escritora, poeta e editora. É autora de *Vertigem* (Editora Patuá) e colaborou na dramaturgia da peça *Opereta das Traças: Teatro Alma-naque*, baseada em livro de Ruth Rocha.

Bloco de memórias

Giovanna Mazetto

“Na tua ausência converso contigo,
na tua presença converso comigo.”

Abbas Kiarostami

Tenho medo de esquecer o nome dos meus filhos. Ah, a idade é uma danação, a gente perde tudo: a beleza, os movimentos, as palavras. E, aqui, nem se matar a gente pode. Eu bem que tentei.

Hoje é dia de visita. Quando a Aurélia passar aqui, vou perguntar qual dos meus filhos virá.

Tenho recordações dos meus pais, nem sempre boas. Mas são assim as memórias. Elas escolhem a si próprias. Difícil perceber um momento como especial quando ele está

acontecendo. Difícil adivinhar que aquela cena voltará a nos preencher, bastando para tanto um gatilho desavisado: um cheiro, uma frase, um rosto, um sabor. Desavisados somos nós. As lembranças sabem bem de onde vêm e para onde vão, você não acha?

O rosto da minha mãe só sei por causa desta foto, do dia do seu casamento, em que ela sorri sem mostrar os dentes, vê? Eu guardo tudo aqui, neste bloco de notas. Tem as iniciais deles aqui nesta toalhinha: V. e E. Quais eram mesmo seus nomes?

Ah, é? Como você sabe?

Sabe, fico imaginando que algumas marcas minhas, como o olho fundo, a ruga no meio da testa e o cabelo ondulado disfarçando a calvície, seriam também do meu pai se tivesse vivido até minha idade. Morreu cedo, o coitado. E tenho a impressão de que isso foi um alívio para minha mãe.

Eu aproveitei mais, só que agora tenho que encarar esse cheiro terrível que meu próprio corpo produz, totalmente indiferente às minhas intenções. O cheiro de fim é o pior deste lugar. A Aurélia é o melhor.

Se a Aurélia passar por aqui, eu te apresento a ela.

Costumavam dizer que eu tinha mãos parecidas com as de minha mãe, de pianista, destino que não se confirmou nem para ela, nem para mim. Minha mãe costurava para fora; já eu fui professora primária.

Da voz do meu pai ainda me lembro, ou imagino que me lembro. As frases da infância vêm barítonas: — Essa brincadeira vai acabar em choro; — Você parece um menino, senta direito; — Quando casar, sara. Como estava enganado meu pai. Casamento nunca curou foi nada, pelo menos no meu caso.

Melhor deixar essas dores para lá.

Me recordo de alguns alunos, poucos colegas, várias brincadeiras e músicas, das festas juninas que amava e dos muitos livros que lia em sala de aula. Quando lembro, anoto o nome dos romances de que mais gostei, está vendo? Adorava as irmãs Brontë. Qual delas escreveu *O morro dos ventos uivantes*?

Ah, certo. Emily. Como se escreve? Vou anotar, para não esquecer mais.

Gosto de ler livros para minhas netas. Tenho duas. Pena que elas não vêm me visitar. As mães não deixam, eu sei. Dizem que aqui não é ambiente para elas, mas, no momento seguinte, afirmam que estou virando criança de novo.

Pensando bem, não consigo mais enxergar as letras miúdas nas páginas. As pequenas que teriam que ler para mim. Preciso fazer óculos novos. Vou pedir para um dos meninos, quando vier.

Você conhece minhas netas, não é mesmo? Me lembrei de você brincando com a mais nova. Acho que ela se chama Alice. Nome bonito. E você, como se chama?

Ah, Antônio... É bonito também.

Aurélia, quem vem hoje? Hoje é sábado, afinal? Desculpe, achei que fosse a Aurélia.

Tenho medo de esquecer o nome dos meus filhos. Já disse isso, não foi? Por precaução, escrevi nesta folha: Antônio, Lucas e Ana. As datas de nascimento escrevi em algum canto, acho que neste mesmo bloquinho. Já soube de cor, não mais. Como pode? Não deveriam ser os dias mais importantes da minha vida?

É verdade que também tenho medo de ser esquecida, mas acho que, exceto pelos personagens dos livros de História, esse é o destino de todos, então, paciência.

Ainda sobre meu pai, me lembrei de uma vez que choveu

muito e ele, bêbado e traumatizado, nos fez ficar horas embaixo da cama, achando que os trovões eram tiros. Para falar a verdade, não foi um episódio isolado. Mas me lembrei desse porque o Marco, meu irmão, ficou com muita fome, ganhou coragem — ou foi burrice? — e saiu do esconderijo em que meu pai tinha nos colocado. Basta dizer que ele continuou com fome e ganhou um braço quebrado, pois o pânico de meu pai era tanto que jogou o garoto no chão. Aliás, por onde será que anda o Marco?

Ah, não diga! O Marco morreu? Não, claro que eu não sabia. Ninguém me avisa nada.

Que triste.

Estranho, achei que já era horário de visita. Ainda bem que você está me fazendo companhia enquanto os meus filhos não chegam.

Olha lá: a neta da Elisa está com ela. Ou seria a nora? Não enxergo bem, nem de perto, nem de longe. Que desgraça. A Elisa está muito debilitada, já nem consegue andar. Qualquer dia morre.

Quem você acha que nos recebe no céu? Espero que não

seja Nossa Senhora. Não gosto dela. Talvez por conta das procissões que me obrigavam a ir. O cheiro das velas derretendo. Fotos de gente doente, ou morta. Pernas de gesso e plástico seguradas por braços de carne e osso. Promessas. Preces. Pedidos. Pedidos que nunca serão atendidos. E as imagens. A imagem de Nossa Senhora nos ombros dos homens. Me dá até arrepio.

Você é religioso? Você sabe se as pessoas ainda vão a procissões? Nunca mais vi nenhuma. Pudera, quase não saio daqui. Vou perguntar ao Antônio. Puxa, você me lembra ele, só que mais velho, bem mais velho. Meu filho não tem cabelos brancos.

Achei que hoje fosse dia de visita, mas acho que me enganei.

Pode chamar a Aurélia para mim, por favor? Essa aí do lado não é a Aurélia? Estou tão cansada.

Desculpe... Qual é mesmo seu nome?

sumário

Giovanna Mazetto (giovanna.mazetto@gmail.com) é escritora e advogada. Autora de *Rio de Janeiro com as crianças* (Matrix, 2013), *A colecionadora* (Sowilo, 2021), *Todo mundo sabe* (Sowilo, 2022) e *Pela telajanela* (Sowilo, 2024).

Agustin¹

Hilda Lucas

Agustín se sentia quase feliz, apesar do alvoroço no peito e do sapato apertado.

Com o queixo apoiado na amurada do convés, ele respirava o vento e lambia os pingos do mar que pousavam em seus lábios. Na cabeça, uma dança inusitada de baleias, trapezistas, piratas, palhaços e sereias. Lembrou-se até de um índio, que, segundo a mãe, cruzou a nado a Baía de Guanabara. E depois do índio, pensou em leões e focas.

A barca roncava e o cheiro de óleo espantava os mergulhões e as gaivotas. Cheiro enjoado. Pior até que o cheiro da cânfora, de vela e de febre do seu quarto. Uma nuvem cobriu o sol

¹ Este é um trecho do texto que foi apresentado nas oficinas de Silvana Tavano e Jayme Loureiro, nos dois primeiros bimestres de 2023. É uma pequena novela, que faz parte do meu projeto *Lambe-lambe*, uma galeria de personagens e de histórias que seus rostos anônimos contam para mim, através de fotografias.

e ele quase ouviu a voz da mãe cantando, rezando e, em algum momento, falando: “Se meu filho morrer, eu vou te deixar”. Tudo névoa tudo delírio, sussurro. Tudo travessia. Será que vai ter tigre? Imaginou o chicote do domador estalando, e o pai nem ligando; como se tigre, filho, meningite, fosse tudo o mesmo aborrecimento. Ele lá fora, alma enfunada de pensamentos e o pai de cara fechada, sentado lá dentro, num banco duro da embarcação, alheio ao passeio, de costas para o mar, pensando, com certeza, em contas, no forno que quebrou; só coisa séria.

Ainda bem que ele não morreu, e agora estava ali, vivinho da silva, todoquasecontente. Nem se importou quando soube que o pai comprou ingressos para o circo, só para fazer as pazes com a mãe. Podia até ver o pai suspirando e dizendo: isso tudo é muito maçante (ele ainda não sabia o que era maçante, mas sabia que tudo era maçante para o pai), porque, para o pai, os domingos serviam apenas para missa, bacalhau e descanso. Mas Agustín sabia que domingo era, também, dia de futebol, bicicleta, circo e até de bacalhau. Para emular o pai, que achava a vida maçante, ele dizia, com ares de sabichão: a vida é esquisita, isso, sim!

Era a primeira vez que saíam sozinhos. Tantas vezes se imaginou no campo do Vasco ou na praia ou na padaria. Só os dois. Nunca aconteceu. Em casa, às vezes ficavam juntos na

sala. Os dois em silêncio. Silêncio interrompido apenas pelo farfalhar dos jornais e pigarros irritados, enquanto na sua garganta arranhavam as perguntas e comentários que ensaiava e nunca fazia. Pensou nos palhaços, tão tagarelas e barulhentos. Podia apostar que o pai odiava palhaços. Imaginou um mágico misterioso, cheio de truques capazes de hipnotizar o pai, mas não conseguiu decidir no que ele poderia ser transformado.

O pensamento ondulava experimentando acrobacias e mergulhos. Achou que tinha visto um golfinho, quis chamar o pai, mas desistiu. Teve pena de azedar sua alegria. No fundo, mais que os muxoxos e esgares, ele temia o silêncio paterno. O silêncio gelado, que tinha efeito de raio paralisante e fazia com que ele se sentisse pequeno demais, desimportante demais. Golfinhos dão saltos mortais triplos que nem os Ciganos Voadores devem dar. Ou seria o contrário? Golfinhos se comunicam, ele ouviu contar. Imaginou o tal golfinho nadando com seu filhote, conversando, mar adentro. Irremediavelmente felizes.

Agustín sabia que sua cabeça era cheia de respostas inventadas. A mãe dizia que ele vivia no mundo da lua, mas, desde que a Laika foi mandada para o espaço no Sputnik e nunca mais voltou, ele decidiu que o mundo da lua era um lugar muito triste, e se mudou de lá para dentro de sua cabeça mesmo.

Uma sirene soou anunciando a chegada em Niterói. Matias se juntou ao filho no desembarque. Não lhe deu a mão, foi empurrando o menino, pela nuca, com autoridade. “Cuidado para não se perder.”

Em terra firme, a primeira coisa que viram foi a estátua de Araribóia, o bravo guerreiro, fundador de Niterói. Agustín viu naquilo um sinal e pressentiu um dia cheio de aventuras e espantos. Decidido, procurou a mão do pai. Agarrou-a com força de cacique e firmeza de equilibrista. Gostou.

Era domingo, era dezembro. Um dia quente, imenso. Um dia que nunca acabou.



O Gran Circus Norte-Americano plantado majestoso numa praça tirou o fôlego do menino. Os cartazes imensos e coloridos anunciavam o maior espetáculo das Américas: elefantes, leões, girafa, tigres e artistas dos quatro cantos da Terra. Agustín quis saber do pai como a Terra tinha canto se era redonda. Matias não respondeu, ocupado com a movimentação e o empurra-empurra, mas uma coisa parecida com sorriso cruzou seu semblante.

Chegaram em cima da hora e quase não conseguiram entrar no circo superlotado. Arrumaram um lugar perto do acesso

dos artistas e dos animais. No mapa do picadeiro, ali era o fundo. Estava longe de ser a melhor visão, mas Matias convenceu o filho de que dali ele veria todo mundo entrar e sair, bem de perto. O calor era intenso e as pessoas se amontoavam em arquibancadas mambembes e cadeiras dobráveis.

Agustín olhou para cima, fascinado com a gigantesca lona listrada. Parecia a abóboda celeste feita de náilon, enfeitada com luzes, cordas e mastros embandeirados.

O espetáculo começou e o tempo voou. Malabaristas chineses, um mágico da Transilvânia, feras adestradas, contorcionistas, e o perigosíssimo Globo da Morte se alternavam numa velocidade de caleidoscópio. Dois saquinhos de pipoca e um chumaço de algodão-doce foram consumidos por pai e filho em silêncio, pasmos. Mas aquele silêncio era bom, parecia até conversa. Ali, naquelas cadeiras, naquele hiato de tempo, eles estavam próximos, suados, melados de algodão-doce, olhos estatelados, às vezes boquiabertos, às vezes rindo. Viramos uma dupla, concluiu orgulhoso, enquanto o coração dava piruetas como as dos trapezistas lá em cima. Com o pescoço dobrado para trás e apoiado no encosto da cadeira, ele flutuava. E o sapato nem apertava mais. A presença maciça do pai ali ao lado era sua rede de proteção. Teve certeza de que nada de ruim poderia lhe acontecer.

Mas, como diria Agustín, a vida é mesmo esquisita. Logo depois de dar seu segundo salto mortal, a trapezista gritou: Fogo!



Por um instante, tudo parou. A função, os tambores que marcavam o suspense e o perigo dos saltos acrobáticos, e a respiração do público. Uma labareda gigantesca rompeu a lona como uma medonha língua de fogo. Os dois elefantes que estavam no picadeiro começaram a bramir, agitados e enfurecidos, antes mesmo das pessoas se darem conta. Lá em cima, os trapezistas se jogaram na rede e saíram desabalados pela abertura da cortina dos fundos. As pessoas gritavam e se atropelavam em pânico, tentando escapar daquela arapuca de fogo.

Matias arrancou Agustín da cadeira, pôs o filho no colo e saiu pelo mesmo lugar que os trapezistas. Deparou animais inquietos nas jaulas e seus treinadores, que num esforço sobre-humano, tentavam mover as carroças. Funcionários e artistas numa correria louca traziam baldes d'água, mangueiras e areia. Saiu dali correndo, carregando o menino, buscando um lugar seguro.

Agustín não se lembrava de jamais ter sido posto no colo pelo pai. Confuso, apreciou aquela ternura inédita e desejou, culpado, que o tempo parasse um pouco. Aspirava o cheiro do pai, um misto de cigarro, suor e loção pós-barba. Sentia a

textura do terno de linho, do cabelo com brilhantina. Tudo tão próximo, ao alcance dos seus dedos, do seu rosto colado ao rosto dele.

Saiu daquele transe quando ouviu Matias dizer: “Não olhe para trás!”

Impossível.

Sobre o ombro do pai, ele assistia ao circo vomitando gente, bichos e gritos de pavor. Crianças em chamas corriam como tochas vivas. Viu a lona colorida pingar gotas de fogo para depois despencar sobre a plateia, feito um imenso manto de fumaça e morte. Ouviu os gritos desesperados dos pais procurando os filhos. Viu quando um elefante, desembestado, abriu um rombo providencial na lona do circo. Viu o mastro principal desabar. Um odor horrível, nauseabundo, tomou o ar e grudou no nariz e nas roupas de Agustín. Mesmerizado, sentia que aquelas cenas entravam pelos seus olhos e se instalavam para sempre em algum lugar escuro dentro dele. Nesse instante, um homem aproximou uma câmera fotográfica de seu rosto e estourou um flash que quase o cegou.

Sirenes zuniam como um enxame de marimbondos. O calor era infernal. Uma coluna de fumaça negra escureceu o céu e enviou sinais de perigo e tristeza para o outro lado da Baía.

A crônica familiar relataria que enquanto tudo acontecia, em Niterói, do outro lado da Guanabara, numa rua de Copacabana, sua mãe tomava limonada fresca com um casal de vizinhos e contava das duas graças recebidas de Nossa Senhora de Fátima: o filho curado da meningite e o marido que, para lhe fazer gosto, tinha levado o menino ao circo. E que ela ficou sabendo pelo vizinho, que ouvia no radinho de pilha o jogo do Botafogo contra o América e interrompeu a conversa, aflito: “Estão dizendo aqui que o circo de Niterói está pegando fogo!”

sumário

Hilda Lucas (hilda.lucas@gmail.com) é autora de *Retratos e retalhos* (autopublicação, 2001), *Memórias Líquidas* (Editora de Cultura, 2005), *Coisas de mãe para filha* (Outono, 2011) e *A casa dentro de mim* (Laranja Original, 2023). Ex-advogada, é baiana-carioca-paulistana e procura, na escrita, costurar mundos e contar histórias de gentes e lugares.

Hereditário

Jaqueline Almeida

A pancadaria parou tão sem aviso quanto começou. Quando acabou de apanhar, derrubado na areia, Luiz olhou o entorno. Viu em movimento apenas os olhos dos meninos dos dois times, que tinham os corpos estáticos como pedras no terreno arenoso. A bola corria por trás das traves, sozinha, em direção ao mar. Luiz se distraiu com o som do motor de um lento teco-teco em sobrevoos na orla, arrastando uma faixa amarela ondulante no céu nublado com a propaganda de um empreendimento imobiliário. Quando o som diminuiu, voltou a inspecionar o que havia ao redor. Paulinho se afastava pela beira do mar, de costas e abraçado à bola. No calçadão, um par de idosas olhava para Luiz, ainda sentado. Uma delas fazia movimento de negação com a cabeça.

Ele observou um dos jogadores correr e alcançar Paulinho. Trocaram algumas palavras por uns vinte passos.

Parou, deixando Paulinho seguir sozinho, e contemplou o mar por um tempo antes de voltar a passos lentos. Luiz gemeu ao se levantar. Esperou o colega se aproximar. Depois de ouvi-lo, sacudiu a cabeça, fez uma contagem, olhando para os dedos da mão esquerda, que se esticavam um a um. Coçou a cabeça.

— Como é que é?

— Perguntei pro Paulinho por que ele te bateu se você não fez nada. Ele só disse que é hereditário, é hereditário, batendo no peito, e saiu andando.

A areia caía da roupa enquanto Luiz a esfregava com as mãos. Olhou para o mar antes de dar as costas para todo mundo e seguir para o calçadão. Não se despediu de ninguém. Mancando, voltou para casa em silêncio. Recusou a ajuda do colega.

A mãe fazia as unhas do pé de uma cliente quando ele abriu a porta da sala de casa.

— Oi, mãe.

— Oi, filho — ela não interrompeu a pintura. Luiz deparou com a cara de espanto da cliente. Cumprimentou-a como em

um reflexo de boa educação. Ela não respondeu nem mudou de expressão.

No chuveiro quente, a ducha jorrava na nuca de Luiz, que apoiava as duas mãos na parede. A água, com diferentes tons de vermelho, formava um espiral antes de escoar. Mexia os dedos dos pés notando o contraste de sua pele com o branco do piso. Poderia ter passado horas na mesma posição. Se moveu quando ouviu a batida na porta do banheiro.

— Meu filho, o que aconteceu?

— Me machuquei jogando bola, mãe.

— Mas perdeu sangue? A Neide falou que você tá sangrando.

— Sim, mas não foi nada, não.

Voltou a ouvir apenas o som da água no chão. Levou mais tempo para enrolar a toalha na cintura do que para se secar. A mãe soltou na estante a revista que lia quando saiu do banheiro.

— Deixa eu ver como você está.

Ficou de frente para a mãe, que levantou seus braços e deu algumas voltas analisando os hematomas. Levantou o

queixo do filho, moveu para um lado, para o outro, e deu o veredito.

— Isso não é machucado de futebol. É de briga.

— Fiz um gol e o Paulinho me bateu.

Luiz desviou os olhos para o teto quando os braços da mãe se cruzaram.

— Primeiro você me diz que todos esses hematomas no seu corpo vieram do futebol. Agora você me diz que o Paulinho...

— Não dá pra acreditar, eu sei. Mas não sei por que ele me bateu.

Se encararam. A mãe batia a ponta de um dos pés no chão.

— Posso ir me vestir, mãe?

— Você não sabe, é?

Ele negou, de cabeça baixa.

— E quando você vai descobrir o que aconteceu para ele ter batido em você?

— Não sei. Amanhã falo com ele.

— Quer que eu vá falar com a mãe dele?

— Já sou grandinho para resolver isso, mãe. Amanhã encontro com ele e a gente conversa — deu as costas. Antes de entrar no quarto, viu a mãe na mesma posição.

No jantar, ela não tocou no assunto. Luiz tampouco abriu a boca. Se deitou cedo para olhar o teto por horas, como se alguma explicação pudesse sair das sombras do próprio quarto.

Na escola, na manhã seguinte, se sentou perto dos colegas do jogo, na escada. Olhou para o pátio em sua frente, como se procurando alguém. Comeu a seco o lanche, que esticava um fio de queijo quando o afastava da boca. Mastigava enquanto ouvia a conversa.

— Também, Luiz, pra que fazer aquele gol de bunda?

Manteve os olhos firmes na árvore no centro do pátio, sem responder.

— Mas ele é a vítima da história, Jão! Vai colocar a culpa nele? Não dá pra passar pano pro Paulinho, não. Ou vai dizer que tu também não faria o gol igual ao Luizinho?

— E aquele hereditário lá que ele falou? Nada a ver! Que porra foi aquela?

— Sei lá, cuzão. Ele deve ter cheirado loló antes do jogo. Só pode. E deve estar na maior ressaca, porque nem as caras resolveu dar hoje.

— Se pá ele aproveitou a ideia do gol para revidar alguma coisa no Luizinho.

— Não inventa. O boy surtou, ninguém fez nada. Tu tá ligado que Luizinho é responsa, tá sempre na dele, quanto mais ia fazer alguma coisa pro Paulinho.

— Mas foi muita porrada, viado!

Os olhares não moveram Luiz. Deixou seu corpo ali entre as especulações que ouvia, focado no fio de queijo enrolado em seu dedo. Nada daquilo combinava com Paulinho, diziam, que era cheio de com-licenças, me-desculpes e obrigados. Nunca o viram em churrascos, controlava o próprio tempo de tela, se gabava de nunca ter levado advertência. Nem os valentões se metiam com ele. Queria ser militar, embora não sentisse as cores. Luiz terminou de mastigar o último pedaço e voltou para sala de aula sem saber do fim da conversa. Antes de entrar, as professoras reagiram ao perguntarem sobre o rosto inchado.

— O Paulinho? Jura? Nossa, tão bonzinho...

O agressor reapareceu no dia seguinte. Luiz não foi até ele, que o ignorou. Via Paulinho de longe em conversas curtas com pessoas de séries diferentes. Depois as mesmas pessoas se aproximavam de Luiz e perguntavam por que Paulinho batera nele.

— Sei tanto quanto vocês.

— Ele só fala que é hereditário — Luiz movia os ombros.

Em um mês, num grupo de trabalho, Luiz voltou a se relacionar e conversar o trivial com o carrasco de outrora. As dúvidas não vinham mais de colegas. Sua mãe nem mesmo o cobrou novamente uma explicação. Luiz não investiu tempo questionando Paulinho. Por outro lado, incontáveis foram as horas gastas observando o colega durante as aulas. Ficou tão compenetrado que tinha inúmeros desenhos de Paulinho nos espaços livres do caderno. O tempo fez as figuras em perfil ganharem detalhes, revelação da habilidade artística que Luiz escondia com os braços ou fechando o caderno, quando percebia que alguém poderia ver suas obras. Criou registros fiéis do avanço da puberdade: o crescimento dos pelos e o emagrecimento do rosto, o cabelo sempre cuidadosamente curto, o realce do queixo protuberante, as espinhas,

o aumento do pomo de Adão, uma marca branca de pasta de dente que aparecia na bochecha rosada.

No último dia letivo do ano, Luiz andava lentamente enquanto era ultrapassado por todo mundo no caminho para a sala de aula. Ao ver Paulinho ao seu lado, puxou-o pelo braço.

— Ô, Paulinho — estavam de frente, um para o outro. Colegas que passavam pareciam não vê-los conversando.

— Oi.

— Por que você me bateu na praia naquela vez? — falou quase sussurrando.

— É hereditário — respondeu, enquanto tocava o próprio peito.

— Mas por que é hereditário, porra?! — Luiz abaixou a voz depois de ter gritado o início da frase. Olhou para os lados e viu a professora se aproximando em conversa com uma aluna. Solto o braço de Paulinho. — O que tua mãe ou teu pai tem a ver com isso?

Paulinho se virou para a sala e entrou, seguido pela professora, que deu bom-dia a Luiz. Cabisbaixo, foi o último a entrar.

Passou a manhã com carteira e cadeira desalinhadas, o corpo voltado para o agressor, sentado à direita. Acompanhou tudo o que fez e escreveu. Seus olhos eram completamente dedicados a Paulinho. Descobriu pelo caderno do algoz que a lousa de Geopolítica tinha uma justificativa imperialista para a invasão dos Estados Unidos no Iraque. Era como se Luiz esperasse a resposta do colega, que não interrompia o trabalho de sua mão.

Na última aula, Luiz abriu o caderno na primeira página, puxou uma caneta preta do fundo do estojo e rabiscou todos os desenhos de Paulinho feitos ao longo do ano. A ponta da caneta rasgou algumas folhas. Ao terminar, fechou o caderno, jogou-o com o estojo dentro da mochila e endireitou a carteira. Enquanto passava o zíper, percebeu o colega virar o rosto para a esquerda. Ao encará-lo, Paulinho olhou fundo em seus olhos por um tempo que era incapaz de medir, estático, como se fotografado. Um sorriso tímido surgiu no canto da boca de Paulinho. Luiz se manteve com a mão no zíper e em silêncio até o agressor voltar-se novamente para a lousa, seguindo com as anotações. Observou Paulinho usar uma caneta verde para realçar a palavra “petróleo”, com letras de forma, em seu caderno. Se levantou, colocou a mochila nas costas e olhou para a lousa. Balançou a cabeça em negação, não esperou o sinal tocar e deixou aberta a porta atrás de si. No pátio, deu nove voltas em torno da árvore no centro antes de sair pelo portão da frente.

sumário

Jaqueline (jaqueliberta@gmail.com) é preta, travesti, professora de Física e Astronomia de Ensino Médio, escritora e jogadora de futebol.

Felipe¹

José Alfredo Baracho

PARTE UM

1.

Um movimento abrupto, intranquilo, desnortado; meu pai entrara no quarto.

Tia Margarida diz a ele:

— Você viu minha mãe?

— Isolda está na capela.

— Há dez dias mamãe passa a maior parte do tempo na capela; mal se alimenta...

1. Primeiro capítulo do romance *Felipe*.

— Seu pai está sentado no corredor em frente. Se precisar, ele está de olho para amparar sua mãe.

— Teve notícias da Cecília?

Papai geme antes de responder.

— Nada de novo. Dizem o mesmo desde ontem, “o quadro é estável, e segundo os médicos isso é muito bom” etc. etc. Mas o que exatamente isso significa? Estável? Não existe melhora? Preciso vê-la! As informações da UTI são sempre evasivas... Tomara que hoje à noite eles permitam minha visita; que sejam cinco minutos...

— A que horas você vai ficar sabendo?

— Quando o doutor Eugênio voltar ao hospital... Mas nunca sabemos exatamente quando será.

— Por que você não toma um banho? Vou até a capela para você ficar mais à vontade.

— Não, Margarida, prefiro que você fique aqui, perto dele. Assim tenho liberdade de sair e voltar a qualquer momento. Por favor, pelo menos até as condições da Cecília melhorarem.

— Tá bom, não se atormente, eu fico...

— Por que a hesitação?

— Não é nada, não se preocupe comigo.

— Você também está exausta, não é?

— Não, não, estou bem. Fico no quarto, sim. Vou continuar lendo meu livro, assim me distraio um pouco.

— Obrigado, Meg. Não quero abusar da sua generosidade, mas não vejo como enfrentar tudo isso sem seu apoio.

— Pode contar comigo. E vá pelo menos lavar as mãos, o rosto. Está com uma péssima aparência.

— Eu vou... Fico muito agradecido mesmo. Depois vou pedir para subirem com o lanche, você precisa se alimentar, não comeu quase nada no almoço.

— Ok, ok. Agora vá se lavar.

Uma porta é fechada cuidadosamente.

A tia não pega o livro. Vai até a janela e fica olhando para fora. Tudo fica parado.

A porta que se fechou agora é aberta com o mesmo cuidado.

— Sobre a próxima cirurgia do Felipe, para quando foi marcada? — pergunta a voz dela.

— O médico disse que é preciso esperar ao menos uma semana, é o tempo mínimo de recuperação da primeira cirurgia; e, mesmo assim, será necessário analisar a qualidade da cicatrização. Enfim, uma segunda intervenção só será marcada se a próxima avaliação pós-cirúrgica for positiva.

Silêncio. Tudo para novamente. A tia e seu corpo estão mudos; como eu. A quietude só não é imperturbável porque intercalada pela rebentação ritmada de pequenas gotas d'água; e pelas estocadas dos suspiros carregados do pai.

E ainda porque respiro, sonoramente, com esforço; somente as sondas tornam possível esse movimento.

Repentinamente, duas batidas secas na porta, um golpe brusco no trinco e uma lufada de ar frio invadindo o ambiente quebram a precária tranquilidade.

— Boa tarde.

— Oi, doutor Eugênio! Que alívio ver o senhor.

— Vamos conversar um pouco? A Margarida não se importa de nos deixar a sós, não é?

— Não... não me importo, não. Eu vou à capela ver a mamãe e já volto.

Ela sai; a porta do quarto se fecha, ruidosa.

— O quadro de Cecília é estável.

— Mas por quanto tempo ficará apenas estável, doutor? Quando ela vai começar a melhorar?

— Estou muito confiante na recuperação, mas é preciso ter paciência.

— A transfusão não ajudou?

— Ajudou, claro, mas os resultados não são imediatos.

— Quanto tempo?

— Dentro de mais um ou dois dias ela deve voltar ao quarto.

— *Deve* voltar?

— Procure se tranquilizar, não faz sentido esperar o pior. Estamos dando toda atenção ao caso dela, o prognóstico é de plena recuperação.

— Estou me esforçando para manter a calma que me resta. Não está fácil.

— Você tem dormido bem?

— Muito pouco.

— É natural. Também precisamos cuidar de seu bem-estar. Vou pedir ao Marco Aurélio uma medicação mais forte, a que ele prescreveu semana passada não parece bastante.

— Ah, ele não! Doutor Eugênio, quero trocar de psiquiatra, ele não está acompanhando direito o caso da Cecília.

— Marco Aurélio é um excelente profissional. A responsabilidade pela recaída não pode ser atribuída a ele.

— A quem atribuir, então?

— Às circunstâncias. São muitas dificuldades a enfrentar em um tempo muito estreito. Marco está agindo com diligência, faz tudo o que está ao seu alcance.

— É pouco! Foram dois episódios em uma semana.

— Acalme-se, a impetuosidade não ajuda. Marco Aurélio está acompanhando o caso com muito zelo, tenho total confiança no trabalho dele. Vai ajudar você a se sentir mais confortável mudando a medicação. Sobre a Cecília permanecer ou não aos cuidados dele, não é hora de discutirmos isso. Vamos aguardar a saída dela da UTI.

Mais uma vez, o movimento brusco no trinco, a lufada de ar frio; e meu pai se deita na cama.

Ressurge o silêncio, um instável consolo.

Durmo.

Até o retorno de tia Margarida.

— Oi, Meg. Cecília só deve voltar para o quarto amanhã ou depois de amanhã.

A tia murmura algo. Depois, ela e o pai se aproximam de meu berço.

— Felipe... É um nome tão bonito...

— Foi Cecília quem escolheu logo no início da gravidez.

— Tem os olhos da mãe...

Observam-me.

— A boca dele me dá tanta aflição, será pecado, meu Deus?

— Eu também me aflijo. É uma fenda horrível. Um buraco.

sumário

José Alfredo Baracho (josealfredo@oliveirabarachoegodoi.com.br) é professor dos cursos de graduação e pós-graduação (stricto sensu — mestrado e doutorado) da PUC-Minas. Mestre e doutor em Direito Constitucional pela UFMG. *Master of Law* pela Harvard Law School. Advogado. Pós-graduado (lato sensu) em Cinema pela PUC-Minas. Autor do livro de contos *Nomes* (Catarse, 2022).

Mosaico¹

Julia Caiuby

Há quem conserve livros nos mais altos pedestais, em redomas intocáveis, ou mesmo em cima da mesa de centro da sala, como se fossem bibelôs para serem vistos ao lado de um vaso de cristal que nunca leva uma flor. Não era o caso da família de Ana. Desde pequena, logo que aprendeu a juntar as letras, ela havia encontrado nos livros um lugar que podia ser refúgio, mas podia também lhe mostrar o mundo, e passava largas horas de seu dia no escritório do pai, abrigada debaixo da escrivaninha de nogueira, sempre acompanhada de algum exemplar da enorme coleção dos pais.

Quando ganhou autonomia, proporcional aos centímetros que o verão de 95 lhe trouxe, Ana descobriu na estante uma portinhola de vidro, numa esquina da parte alta da biblioteca

¹ Este capítulo é parte do romance provisoriamente intitulado *Mosaico*, trabalhado em oficina durante a pós-graduação.

que desenhava um longo “L” no fundo do cômodo. A portinha sempre estivera ali, ela que nunca havia reparado. Livros antigos, retratos, cadernos e mais cadernos com letras que ela não compreendia. Ficou fascinada, como se tivesse encontrado um tesouro das histórias de mistério que adorava devorar nas férias. Mas logo foi descoberta pela mãe, que a repreendeu e trancou a porta, levando consigo a chave. Pediu que Ana esquecesse aquela parte da biblioteca, nada ali deveria ser tocado. Ela quis saber do que se tratava, sentiu que sua mãe guardava ali algum segredo. Mas sua curiosidade durou apenas o tempo de achar entre a série da Agatha Christie, logo abaixo da portinhola, um livro do qual já tinha ouvido falar e que tinha certeza de não ser recomendado para sua idade. Se contentou em infringir ao menos uma das regras da mãe enquanto mergulhava n’*O exorcista*, de William Peter Blatty.

Quando seus pais faleceram, coube a Ana a avaliação do destino dos livros e do restante dos objetos. Em uma das idas à casa, tomou fôlego e iniciou a tarefa quase impossível de encaixotar e categorizar aquele mar de livros que seus pais, ambos professores, haviam acumulado durante a vida. Pensava em doar, talvez para a faculdade do pai, talvez para uma biblioteca pública, ou distribuir entre os amigos, os dela e os dos pais. Não sabia ao certo.

Começou pela parte de cima, aquela que não conseguia alcançar na infância. Tentou buscar na memória se algum dia tinha ido tão alto. Não, acreditava que não. Com o primeiro exemplar em mãos, passou os olhos pela fileira de livros que se alongava à sua direita e riu, sem graça. Eram todos livros eróticos, dos mais variados tipos: poesia, ensaios, manuais. Tentava não pensar nos pais e nesse tipo de coisa que não se divide com os genitores. Não queria imaginá-los nem por um segundo tentando reproduzir alguma cena de Sade; o pai declamando poesias com uma luz baixa entre os lençóis desfeitos; a mãe excitada com uma nova posição do Kama Sutra. E tinham também os manuais para salvar casamento, que pareciam ter sido bastante populares na década de 1980, porque não eram poucos. Não queria, mas imaginou. Como se o filtro da vida imaculada dos pais tivesse sido arrancado em um golpe só.

Ana deveria ter pensado que um casamento de quase quarenta anos requer mais do que cumplicidade e companheirismo. E que aquela camisinha que havia roubado da mesa de cabeceira de seu pai não era um item esquecido no fundo da gaveta. Pior, que provavelmente seu pai soube que havia sido furtado por um adolescente cheio de tesão. No caso, ela, pois era filha única. Sentiu um misto de vergonha e graça ao se lembrar daquele tempo.

Sentou na ponta da escada tratando de buscar outras lembranças para apagar aquelas cenas de sua cabeça. Fechou os olhos, rezando para que isso a ajudasse, mesmo sendo ateia. Nada. Respirou fundo, voltou a abrir os olhos. Contou a fileira de livros de arquitetura que havia à sua esquerda. Trinta e sete volumes. Os de design eram cinquenta e seis. Precisaria de pelo menos três caixas grandes, pensou. Ainda havia muito trabalho pela frente. Só os livros de arte ocupavam três prateleiras inteiras. Sentiu um pequeno ruído vindo da boca de seu estômago, tomando tamanho e gritando de fome. Não se lembrava de quando tinha comido pela última vez. Talvez logo cedo, mas já eram quase cinco da tarde. Passou o dedo pelo celular, rolou telas e mais telas; nada a apeteceu. Até que deparou com o anúncio de uma hamburgueria que vendia hot dog gourmet e sorriu, lembrando-se de sua mãe.

“Vem cá, me ajuda a arrumar a mesa, filhota? Hoje tem jantar especial!”, e Ana ajudava a montar o cenário para receber o cachorro-quente em um dia de semana qualquer, algo que acabou se tornando uma cena muito comum naqueles anos 1990, tanto quanto as idas mensais ao supermercado, com sua mãe enchendo dois carrinhos inteiros. Ajeitava com perfeição os jogos americanos nos três lugares da ponta da grande mesa de jantar, mais um dos móveis herdados da família de sua mãe. Gostava de usar os laranjas, com flores miúdas amarelas e azuis, para escutar sua mãe dizer “que alegria de

mesa que você fez, Aninha”, como sempre fazia quando a escolha era essa.

Sentada na escada, pela primeira vez entendeu que as festas que sua mãe fazia eram reflexo da escassez que viviam naqueles anos. A mãe estava desempregada, ela não tinha escolhido ser dona de casa, como Ana sempre acreditou. O pai dava aulas em quatro faculdades diferentes e praticamente só as encontrava aos domingos. Ela, por outro lado, não deixou de estudar na rede particular até se formar na faculdade. Pensou que, talvez, aquela dívida toda tenha começado ali. Seu pai tinha um jeito peculiar de demonstrar amor: normalmente, era cozinhando ou ensinando, jamais falando “te amo”. Imaginou que nunca tê-la deixado perceber que estavam quase sem recursos poderia ter sido outra maneira.

Respirou fundo mais uma vez, inflando o peito com saudades.

Ao deslizar a vista pelas próximas prateleiras a serem organizadas, Ana deparou com a portinhola proibida. Ela havia enterrado aquele dia bem fundo em sua memória. Tão fundo, que se espantou como se fosse a primeira vez que via aquela parte da biblioteca. Ao mesmo tempo, sentiu a mão de sua mãe nas suas costas, exatamente como havia sentido aos nove anos. Correu por seu pescoço um frio e depois um calor. Lembrou. Encarou a porta de vidro por alguns minutos,

tentando decidir o que faria. Pensou no que a mãealaria; se agora, adulta, ela estaria autorizada a entrar naquele armário. Mas a mãe não estava mais lá, não mais. Era estranho pensar assim.

sumário

Julia Caiuby (ju.caiuby@gmail.com), nascida em 1987, é formada em Cinema e pós-graduada em Produção Cultural. Autora do livro *Do vago conforto de estar viva* (editora Minimalismos, 2023) e finalista do Selo Off Flip de poesia de 2023, teve poemas publicados em revistas como *Sucuru* e trabalho de tradução pela Editora Fictícia.

Noite das sereias¹

Júlia Caiuby de Azevedo Antunes Oliveira

Primero domingo de outubro. A noite das sereias na terra. Algo que eu não sabia que existia até vir para Murr-ma. Mais uma história que meus pais esconderam.

Desde que a professora Lisbeth nos assombrou com todas as lendas que não são, na realidade, só fantasias, espero ansiosa pela madrugada em que as mulheres-peixe se aventuram fora da água. Com a imagem das sereias grampeada no meu cérebro, me afogo em dúvidas: como elas fazem com as nadadeiras quando estão em solo firme? Elas se transformam em humanas e ficam peladas? Aliás, a gente consegue ver as sereias? Para onde elas vão, o que gostam de fazer fora do oceano? E quando o dia nasce, o que acontece se elas não voltarem para o mar?

¹ Capítulo da primeira versão do romance juvenil *Escapulas*.

A Yuriko está especialmente obcecada por descobrir se podemos nos transformar em sereias com um encantamento ou se já temos que nascer assim. A professora Lisbeth não responde. Franze ainda mais a testa marcada por traços fundos e bufa. A Sylvie resmungua que as sereias devem ser fedidas, e a professora, com olhos ondeados, sussurra: “Ah, não, não, cachos alegres, cachos esvoaçantes, cachos sedosos, cachos, cachos...”.

Desistimos. Melhor esperar chegar a madrugada deste primeiro domingo de outubro.

A Clara conta que os pais fizeram pouco caso do vilarejo que vamos visitar: nada acontece, só um luau mirrado, na praia, em homenagem à lenda das sereias. Um luau que acontece há décadas e sempre com a mesma cena: adolescentes com coroas de flores na cabeça, cantando as músicas que seus bisavós ensinaram, ao redor de uma fogueira. Patético. Como se sereias usassem coroas de flores.

Nenhuma professora vai nos acompanhar, só a inspetora Larissa, mantendo a distância necessária para a gente se sentir livre, mas sem correr riscos. É uma espécie de teste para a vida real, para ver se conseguimos controlar nossa magia fora de Murr-ma. Essa orientação foi dada pela diretora Thelema com os olhos fixos em mim.

A Yuriko não pôde vir porque não tem idade suficiente. Eu, a Clara e a Sylvie prometemos tomar conta dela. Nada feito. A Yuriko não quis nem ficar na escola nos esperando, vai passar a noite na casa da sua família. Ao se despedir da gente, ela não chorou, mas eu percebi que cutucava o dedão com a unha do indicador.

Chegamos na praia e percebo que os pais da Clara não mentiram. O luau é bem sem graça. No máximo duas dúzias de pessoas reunidas na areia, cantando, sem muita animação. Unhas postiças decoradas com adesivos de estrelas-do-mar acenam para o alto, tentando colocar movimento naquele encontro tedioso. Sucos coloridos nas mãos dos poucos adultos que estão sentados ao redor da fogueira. Aliás, a fogueira está quase apagada. Ninguém deve ter se lembrado de alimentá-la. Ou talvez a intenção seja trazer a festa para o escuro.

Não fico para assistir à luta entre a fumaça e as labaredas.

Eu e as meninas decidimos explorar cinco pontos que parecem promissores: a praça Peixe Fora D'Água, o mercado 24 horas Água Profunda, a escola de natação Domínio Aquático, o observatório Melusina e o restaurante Atargatis. As sereias devem aparecer em algum desses lugares, supomos.

Com o mapa da vila em mãos, decidimos começar pelo restaurante.

A Clara está tão animada que aperta minha bochecha, enquanto grita:

— A caça ao tesouro começou!

O Atargatis fica a cinco quadras de onde o luau acontece, na direção da igreja metodista. Na última semana, estudei o mapa umas mil vezes, tentando decorar o nome das ruas, pontos de referência, distâncias. Quando soube que iríamos explorar a cidade sozinhas, fiquei com vergonha de confessar que eu nunca tinha andado na rua sozinha, ainda mais à noite. Perigoso, o mundo é perigoso, Victoria, era a resposta dos meus pais para tudo.

Quase dou razão a eles enquanto caminho pela avenida da praia. A brisa que vem do mar está fraca e ainda assim me abraço com força, esfregando os braços. Ouço um cão rosando. Olho para trás e não tem ninguém na calçada, fora a inspetora Larissa. Minhas amigas, do meu lado, não parecem estar com medo. Analisam o mapa com atenção, sem sobresaltos. A lâmpada de um poste estoura do outro lado da rua e eu berro. Depois dou risada, como se me desculpando pela reação boba. A Sylvie revira os olhos. Pegamos a rua à direita. Só mais um quarteirão.

Um letreiro luminoso avisa que chegamos ao destino. É uma casa de madeira escura, com a porta fechada. Essa porta deve ter sido pintada de azul-marinho em algum momento, mas agora está toda descascada. O restaurante não tem janelas na parte da frente e os fundos dão para um píer. Eu que não escolheria esse lugar assustador se fosse sereia.

De fora, não consigo ouvir música ou conversas. Vai ver não tem ninguém lá dentro. Antes de perder a coragem, toco a campainha. Uma moça de cabelos ruivos cacheados abre a porta e minha bem ensaiada desculpa “posso usar o banheiro?” se perde na minha boca. Nenhum som sai dos meus lábios, meus braços seguem desmaiados ao lado do meu corpo, os pés não se decidem por seguir adiante ou dar meia-volta. A Clara e Sylvie também estão mumificadas.

A pessoa na minha frente é igualzinha à sereia esculpida na parede de um templo da antiga Assíria. A reprodução exata da imagem de sereia que está no livro de mitos e lendas que estudamos em Murr-ma. A sereia de olhos perfeitamente redondos, braços longos e cabelos eternamente esvoaçantes; a sereia que alguém gravou na pedra há mais de três mil anos.

Muda, continuo minha investigação: a mulher na minha frente tem o rosto longo, o queixo caindo muitos e muitos centímetros abaixo da boca. O cabelo repartido ao meio, as ondas descendo volumosas de cada lado e alguns fios

escapando para formar uma franja bagunçada. As orelhas estão escondidas, ainda bem, acho orelhas muito feias, caracóis prensados na lateral da cabeça. Um vestido longo e amplo cobre o corpo da anfitriã; não sei dizer se ali debaixo tem pernas ou cauda.

Com uma piscada de olho, a moça-sereia abre mais a porta e me vejo no meio de uma festa tão barulhenta que não consigo entender o que outra moça de cabelos ruivos cacheados me diz ao me puxar para dentro do restaurante.

Várias ruivas iguais à primeira (dez? quinze?) dançam ao som de uma música que fala algo sobre *marinheiros brilhantes comedores de sangue caindo pelas ruas de pedra desespero piedoso uma vez mais esquecimento império das vagas oceânicas*.

Sem dar por mim, de repente estou dançando também, um ritmo desconhecido. Meu cabelo está solto e flutua, enquanto eu rodopio e balanço e abraço uma sereia de vestido furta-cor e não me assusto quando todas sorriem e os dentes são afiados.

Eu giro e giro e giro e eu caio. Fecho os olhos. O som de ondas ao longe. Fico deitada, sem medo nenhum de que alguém pise em mim.

Agora, o som de ondas dentro dos meus ouvidos. O mar é imprevisível, o mar destrói, o mar é abundante, cantam as sereias e eu entendo a língua delas. O mar me dá uma cotovelada no rosto e estou novamente de pé, dançando. Giro, giro, caio, sou engolida pelas águas, volto à consciência, duas sereias me dão as mãos e rodopiamos, estou descalça, a madeira sob meus pés é molhada. Cachos de cabelos ruivos se enroscam com meu cabelo, me puxam, não dói, danço, pés leves. A brisa marinha parece nuvem no meu rosto. Um perfume de hortelã, uvas congeladas e folhas de louro invadem o ambiente. Fecho de novo meus olhos, sinto uma mordida na sola do pé, dou risada, meus pés estão gelados.

Abro os olhos. A música parou de tocar. As sereias estão indo embora e murmuram palavras numa língua estranha, será uma linguagem aquática? Não vejo Clara, nem Sylvie. Será que a inspetora Larissa também estava nessa festa ou está esperando a gente lá fora? As sereias acenam para mim, como se dissessem que devo continuar dentro do restaurante. Tento repetir o que elas dizem. Não consigo. Fecho os olhos para me concentrar nos sons desconhecidos, forçando minha garganta a puxar ruídos lá do fundo. A sola do meu pé coça e nenhum som sai da minha boca.

Com muita dificuldade, abro os olhos. Estou na minha cama.

Na minha cama em Murr-ma.

[sumário](#)

Júlia Caiuby de Azevedo Antunes Oliveira (juliaantunes@gmail.com) é advogada na área pública, mãe de duas crianças, esposa, filha, irmã, paulistana, e devoradora e acumuladora de livros. É autora de um dos contos finalistas da publicação Off-Flip 2022 (“A filha”).

Bem me quer, mal me quer

Julia Asenjo Silva

Domingo à tarde, quase noite, aquele meio sem veredito, quando nem o céu se decidiu ainda. Ele passava as costas da mão no meu braço. Estávamos deitados, pelados, cansados e suados pós-sexo. Jogada na cadeira, a pilha de roupas que antes pesava na cama. Agora só a dividimos com as almofadas, até expulsei meu gato Chato.

Um mês de paixão intensa. Cada encontro era mais escavador, arqueológico. Eu queria que ele fosse tanta coisa, e queria também que ele quisesse ser tudo aquilo e ainda que quisesse algo de mim em troca. Queria tanto ser bem querida por ele. Mas até então era cedo, e todos os querereres não físicos eram segredos que inflavam meu peito.

O balanço dos nossos corpos ia pra cima e pra baixo, juntos. Ele tinha os olhos fixos nos meus, que fugiam discretamente. Um incômodo cutucava meus quadris, como se estivesse

deitada sobre um botão, passei a mão, não o achei. Sentia um frio se encontrar nas gotas de suor das minhas costas, mas a preguiça de ir pegar um cobertor era maior.

Ele beijou minhas sardas, sorriu e perguntou onde que tinha uma manta, disse que eu tremia. Que babaca.

Me envelopou com o tecido púrpura de pelinhos. Voltou pra posição de antes, deitado de frente pra mim, e devolveu o carinho para o meu braço. Quente. Ele é tão charmoso. Tem aquelas duas bolinhas de gude castanho-escuras espremidas entre a pele fina. Parece que sempre enxerga entre frestas. Parece também que fazia força pra sugar de dentro dos meus olhos os segredos, e eu não queria deixar.

Foi no meu ouvido lançar feitiços e não esqueceu minha pele. O carinho endureceu um pouco, era menos transeunte, mais massagista. Fazia barulho o atrito dos seus dedos quase sem unhas no meu braço, mas era gostoso. Ele narrava o que supostamente sentiu quando me viu pela primeira vez, “encantado”, ele disse, enquanto desviava do girassol, mas passava bem em cima da borboleta. Um arrepio me empurrou um pouco, tinha uma estranheza deitada entre a gente.

Estava beliscando minha pele? A sensação era essa, perto do beija-flor, entre o mar das pintas, beliscões. Ele parecia compenetrado demais passando a ponta do dedão no mesmo pedaço de pele, como quem procura o corte no durex. Parou, incluiu o indicador, como se tivessem achado.

Ia acontecer alguma coisa, senti na espinha e na expressão dele, que tiraria algo dali.

Me olhou sorrindo um pouco, e puxou.

Não queria ver. Uma curva feito interrogação coçou minha língua, mas não consegui cuspir as perguntas.

Puxava minha pele com muita delicadeza e fazia barulho de rasgo. Como quem afasta as duas extremidades de um tecido e ele cede bem no meio e ao mesmo tempo ainda parecia carinho aquilo. Puxava mais e mais e eu não conseguia gritar, tinha um gosto agridoce aquela agonia. Uma dor elétrica, feito tatuagem.

Era como se eu estivesse presa naquele minuto há anos.

Até que o barulho cessou.

Algo se rompeu.

Ele me pediu pra abrir os olhos e mostrou o que tinha entre os dedos. Era rosa, um pouco macia, tinha cheiro de flor. Apertei o pedaço meu arrancado, a textura era de pele de neném, virgem. Levantamos o tronco da cama e nos encaramos de frente, ajoelhados na colcha.

Parecia uma...

Ele começou o processo no outro braço, com menos delicadeza e um pouco de expectativa. Puxou mais uma.

Não tinha outro nome, era uma pétala.

O cheiro floral doce foi enchendo o quarto, fez meus olhos aguarem.

Eu queria pedir pra ele parar porque sentia que precisava evitar alguma coisa, mas era um pouco bom também, como se ele fosse achar algo que nem eu sabia que tinha. Tudo parecia filtrado por uma lente doce, rosada, como se voltássemos pra dentro do útero.

Trouxe a outra mão.

Desencravavam pétalas das minhas coxas.

Tapei o rosto, não conseguia ver aquilo, mas abria brechas nas mãos, eu precisava ver aquilo. Não queria escolher, não queria permitir nem proibir. Sentia ele arrancando uma por uma. Os barulhos de rasgo mais rápidos e frequentes.

Já usava o pouco de unha que tinha. Arranhava minhas pernas até desabrocharem meus pedaços rosas, minhas pétalas.

O cheiro era quase insuportável, não dava pra falar ou abrir os olhos, mas também era inebriante, como se me hipnotizasse pelo nariz. Petrificada e mole ao mesmo tempo, percebi que algo me enraizava ali.

Rasgos e rasgos, agora dos braços, das costas e da barriga.

Ele parecia ter mil mãos, e cada uma mil dedos-pinça.

A cama parou de mexer do nada, tudo ficou um pouco sereno.

Ele abriu meus olhos com os dedos-pinça e afastou a água da frente.

Quando consegui focar vi uma colina rosa de pétalas minhas que tomavam conta do quarto. Como se mais de mil flores tivessem morrido ali.

Eram infinitas, pareciam mais firmes que as da rosa e mais frágeis que a pele.

Não dava pra ver o chão, a cama, as almofadas ou meu gato Chato.

Mal dava pra vê-lo. Só os dois olhos bolinhas de gude por entre as frestas rosas.

Ele me olhava como antes, parecendo míope, com os olhos espremidos e interessados.

Eu sentia frio, como se estivesse mais pelada ainda.

Então o vi de costas, as brechas preenchidas de seu cabelo escuro.

Foi se afastando, ouvi seus passos indo, a porta do banheiro abrir e fechar.

Era tudo rosa, tudo na minha frente era rosa e eu não conseguia me mexer.

Não se escutou nada por alguns segundos infinitos.

Me senti chorar sem molhar os olhos, então ouvi os estados dos pés que voltavam em minha direção, se aproximando.

As bolinhas de gude ressurgidas, e uma mão que afastava pétalas da frente. Ele me olhava segurando um espelho.

O colocou na minha frente, para que eu visse o que tinha restado de mim.

Caralho.

[sumário](#)

Julia Asenjo Silva (juliaasenjosilva@gmail.com) nasceu em 1994, no Rio de Janeiro. É jornalista e ilustradora. Mora em São Paulo desde 2019.

Céu da boca¹

Julia Fregonese

1.

Na primeira vez que ela me bateu, fiquei calada. O tapa com os dedos abertos deixou um estalo seco que mal ecoou na sala. Meu rosto virou com a força e, num reflexo, levei minha mão para proteger a bochecha. Senti a dor instantes depois, quando o olho esquerdo começou a lacrimejar.

A febre se espalhou entre veias da maçã do rosto, no naco de pele ao lado da orelha, no cantinho entre o lábio e o nariz — de vergonha, acima de tudo. Na sequência, foi o corpo. Os braços, a ponta dos dedos, o quadril e os joelhos.

A única vez em que vivi algo parecido foi na primeira ou segunda série, quando um dos meninos — Rodolfo, nunca

¹ Primeiro capítulo de romance.

esqueci o nome do bostinha — achou que seria divertido fingir que estapeava as meninas da sala. Quando chegou minha vez, o erro foi certo, e as pontas dos dedos atingiram o maxilar e boa parte de minha bochecha carnuda de criança. Mesmo sendo eu nova, e mais intolerante, a dor e a vergonha não tinham sido tão grandes como dessa vez. Pelo menos eu estava sem óculos. Seria uma preocupação a mais ter que pagar por uma lente nova.

Fiquei calada. Não queria chorar. Também não queria olhar para ela. Em vez disso, encarei um ponto da parede onde a tinta de cor amarelo mostarda começava a descascar perto do rodapé, ao lado do sofá. Fui eu quem a ajudou a escolher o tom meses antes, e quem tomou um dos pincéis na mão para pintar toda a sala de estar em um final de semana. Com a luz do sol que entrava pela tarde, sabia que a cor ajudaria a dar vida ao novo lar. E via mais uma vez o descaso com qualquer coisa que era minimamente minha.

Ela deu uma lufada de ar, puxando o oxigênio para emitir algum som — meu nome, meu apelido, um pedido de desculpas, não importa. Antes de qualquer tentativa, virei-me, e saí dali, mesmo com minhas pernas tremulando a cada passo. Torcia para não cair e fazer papel de boba mais uma vez.

Fui ao quarto de Gabi e peguei meu casaco, um comprido de tricô, feito à mão com lãs vermelhas e violetas e tudo o que há entre essas cores dadas de presente pela minha avó. Por anos, tive a expectativa de conseguir combiná-lo com qualquer outra peça de roupa, mas não consegui. Em vez, disso, usei o cardigã como uma peça para ficar em casa, dormir aconchegada e com cheiro de conforto de vó.

Quando eu era pequena, a velhinha usava um perfume de cor âmbar, que ficava em um vidro em formato de ânfora em cima de sua penteadeira. Para mim, era a epítome da finesse, e sonhava com minha própria coleção de vidros de perfumes, cada um com uma essência e cor diferentes. Com o rosto ainda febril, só precisava do cheiro de madeira com frutas. Mas anos depois, a única fragrância que sentia no casaco era do amaciante floral que usava para lavar roupas e toalhas. Vesti a combinação de cores e me abracei brevemente, protegendo o corpo de um impossível frio invernal no meio de janeiro.

Ela me seguiu, e fingi que não vi.

Lembrei que na pia ainda estava a louça suja, o que sobrou do lanche que fiz antes de sair para o bar, e segui meu caminho até a cozinha. Arregacei as mangas e enchi a bucha

de detergente de coco, esfregando com vontade a xícara de café e o prato com farelos de pão de forma. Pouco depois, já enxaguava os talheres na água morna e colocava tudo no escorredor. Queria um pouco mais de louça, só para ficar sozinha por mais um tempo.

Mas quando me virei, Gabi já me esperava. Não queria vê-la, tampouco pude desviar meus olhos da pessoa a quem mais recorri nos últimos anos. Sua expressão devia ser a mesma que a minha poucos minutos antes. Mas logo entendi o absurdo da ideia. Não era possível sentirmos o mesmo. Sua mão podia até arder, mas fui eu quem levou um tapa no rosto.

— Lu — ela começou, e eu não queria ouvir mais nada. —
Me desculpe.

Não.

— Tá tudo bem, deixa pra lá —, disse, fazendo o mínimo para convencer. — Vou pra casa, já tá tarde.

— Não, não vá — segurou as minhas mãos, e tudo o que eu queria era arrancá-las para longe. — Desculpe, amor, de verdade. Eu não sei por que fiz isso.

Eu também não. Não fui eu quem beijou outra pessoa.

Antes que eu pudesse responder, suas mãos já haviam soltado as minhas e se enrolado no meu pescoço e no meu cabelo. Ela chorava enquanto me beijava, e eu não entendia o motivo. Se minhas lágrimas eram de vergonha, esperava que as delas também fossem. Mas sabia que eram de culpa, tudo o que eu não queria.

Não conseguia beijá-la de volta, da mesma forma que não conseguia me desprender. Mas isso não parecia impedi-la de nada. Não consegui encontrar as palavras certas. Então só deixei. Deixei Gabi me levar até o quarto e continuar me beijando. Deixei que tirasse minha roupa e me deitasse na cama. Que me lambesse e mordesse, como se o tapa fosse uma desculpa aceitável para começar uma transa.

Ou talvez o sexo fosse um pedido de desculpas. Por ter me batido ou por ter ficado com outra pessoa num bar lotado.

sumário

Julia Fregonese (julialfregonese@gmail.com) nasceu em São Paulo. É jornalista, editora e ghostwriter, com experiência na produção, redação e edição de livros de não ficção para pessoas físicas, executivos e empresas.

O caso do velho A. R.

Laio Manzano

Eu tinha acabado de conseguir o emprego dos sonhos. De frente para a praia. Porteiro. Trabalho cada vez mais raro, ainda mais agora com essa onda de portarias eletrônicas. Pelo menos naquele quarteirão, os prédios ainda não tinham aderido à moda. Ali as construções eram mais baixas e os moradores, mais antigos, preferiam — ainda bem — ter um ser humano que cuidasse do vai e vem de gente, entregas etc.

Além de ver a praia, eu podia bisbilhotar a vida alheia. Quem não gosta? Nesse panorama, já na minha primeira semana de lida, me apareceu esse caso.

O acontecimento relevante foi no prédio vizinho, da esquerda. Num fim de tarde, ouvi o burburinho e fui até o portão para ver. Eu queria ir até a frente do edifício, mas não podia abandonar meu posto de trabalho logo no come-

ço. De qualquer forma, deu para ver bem o senhor calvo, com cabelos brancos (que restavam nas laterais e na nuca), deitado na maca, logo empurrada para dentro da ambulância, que saiu desembestada.

Nos dias que seguiram fiquei curioso sobre o velhinho. Será que estava bem? Tinha voltado para casa? Ou teria sido algo mais grave? Não queria perguntar aos moradores. Eu era novo, iam achar que eu era fofoqueiro. Eis que, mais ou menos uns quinze dias depois do incidente, umas cinco e tanto da tarde, vejo passar na minha frente um senhor calvo e com os cabelos brancos restantes numa cadeira de rodas empurrada por um enfermeiro desses de uniforme e tudo mais. Tive quase certeza de que era o mesmo da ambulância. Ainda bem, não tinha morrido.

Uma semana depois disso — agora com certeza —, por volta do mesmo horário, a mesma careca e os mesmos poucos cabelos brancos passaram em frente ao meu prédio, no mesmo sentido, numa cadeira de rodas. Dessa vez sem o enfermeiro. Era dessas cadeiras que têm *joystick*, manejado pelo próprio usuário. Então, glória, estava se recuperando de fato. E rápido.

Alguns dias adiante, no fim do meu primeiro mês de serviço, vi o senhor atravessar mais uma vez a minha frente, indo

da esquerda para a direita do meu horizonte, que ainda não havia escurecido. E agora, pasmem, de pé. Sozinho, devagar e com a ajuda de um andador, mas o velho andava com as próprias pernas.

Quando completei um mês na função, não aguentei: um dia em que saí mais cedo, em vez de ir para casa, peguei uma água de coco e fiquei na calçada da praia. De costas para o pôr do sol, de frente para o prédio vizinho ao meu, esperando o tiozinho. Não o conhecia, contudo, queria perguntar como estava, algo do tipo. Mas ele não retornou. Anoteceu, ia ficar ruim de condução lá pro meu bairro e resolvi ir embora.

Percebi que quase todos os dias, mais ou menos no mesmo horário — aquele fim de tarde quase noite —, ele passava com seu andador. Cada vez um pouquinho mais rápido, era minha impressão.

Até que, lá vinha ele... de bengala. Nessa semana, precisei dobrar meu horário duas vezes, pois o porteiro da noite tinha ficado doente. Como no período noturno havia menos trabalho, pude dedicar mais atenção para ver se o homem voltava, pois achava que conseguiria abordá-lo. Só que ele não voltava. Não pelo caminho de ida, pelo menos. Talvez desse uma volta e chegasse pelo outro lado, sei lá.

Passado mais um tempo — eu já devia ter completado dois meses de serviço —, vejo o senhor andando. Sem bengala. Ia devagar e achei que era justo ir falar com ele. No que eu ia sair do meu prédio, o interfone tocou e voltei para atender. Anotei o recado apressado e saí atrás do senhorzinho, que não poderia ter ido longe. Mas ele não estava lá. Voltei pensando “amanhã eu pego ele”. E assim foi. Ou quase. Eu o avistei no dia seguinte e dessa vez não teve nem um chamamento. Contudo, no tempo em que consegui me levantar da cadeira, sair da guarita e pegar a chave para poder voltar, ele sumiu do meu campo de visão, e quando saí portão afora, cadê? Ou eu estava muito lerdo ou ele entrava no prédio vizinho. Saía do da esquerda e entrava no da direita. Seria possível?

Dei de cara com os zeladores, do meu prédio e dos dois prédios vizinhos. Eles me olharam espantados e aproveitei para perguntar sobre o senhor que acabara de sair. Não tinham visto. A conversa deles devia estar boa. Aproveitei e fui direto ao zelador do prédio da esquerda, perguntando sobre o morador que saía de ambulância há pouco mais de um mês e agora se recuperava. “Não falo sobre a vida dos moradores.” Esse grosseiro não me ajudaria, mas o prédio em que ele trabalhava e onde — eu achava, eu tinha certeza — morava o senhor só tinha oito apartamentos. O *display* do interfone mostrava os números e as iniciais dos respectivos moradores:

11 – B. O. 12 – L. S.
21 – O. N. 22 – A. R.
31 – O. 32 – L. A.
41 – D. R. 42 – A. O.

Como esse prédio não tinha porteiro, o interfone tocava direto nos apartamentos. Chamei todos e perguntei sobre o senhor que tivera um contratempo e saíra de ambulância, andara de cadeira de rodas, depois de bengala e devia morar sozinho. Ninguém sabia de nada. Alguns não responderam da primeira vez que chamei, mas em dois dias consegui falar com quase todos. Menos com um, o do apartamento 22. Se até então eu não tinha um nome, passei a ter ao menos duas letras: A. R.

No próximo dia de batalha, antes de começar a escurecer, já fiquei com a chave do portão no bolso. E lá veio ele caminhando, bem, sem passos vacilantes, seguro. Dei meu máximo enquanto ele cruzava a frente do prédio. A guarita não era perto do portão, tinha uma escada no meio do caminho. Ele passou. O interfone tocou. Não atendi. Saí do portão, olhei à direita e... nada.

A essa altura, além dos zeladores, eu já conhecia algumas pessoas do bairro: o vendedor de cocos que ficava do outro lado da rua no calçadão da praia, duas babás uniformizadas,

que sempre paravam com seus carrinhos de bebê no banco da frente do prédio para fumar e conversar, o simpático varredor que, dia sim, dia não, estava lá cuidando de nossa calçada. E, não. Nenhum deles tinha visto ou se lembrava do senhor. Em nenhum dia. Nem da ambulância, nem da cadeira de rodas, do andador, da bengala, nada. E agora, então, que ele era um senhor “normal” andando na calçada, é que não lembraríamos de jeito nenhum.

Cada amanhecer era mais uma chance de vitória. No dia seguinte, lá estava eu, desde as cinco da tarde, com a chave no bolso, de pé, segurando a porta aberta da guarita, aguardando o inimigo. Só que dessa vez ele veio trotando. Era uma corridinha tipo *cooper*, lenta, mas suficiente para atrapalhar minha missão. Ainda mais porque, bem na hora em que eu ia sair do portão e ele já sumia de meu campo de visão, entravam duas moradoras, que eu quase atropelei. Quando saí, olhei para direita e... não vi ninguém. Me desculpei com as senhoras indignadas. Inventei que haviam deixado uma encomenda para aquele senhor por engano e eu queria entregar. Perguntei se elas o conheciam. Não só não conheciam como disseram que nem o viram. E por conta disso, de quase atropelá-las, tomei minha primeira advertência do síndico.

Agora era questão de honra. Esse tiozinho já tinha me prejudicado demais. No próximo dia, ou melhor, fim de tarde, eu

usaria a mesma tática. Com sorte, eu não teria as senhoras para me atrapalhar. O que acontece é que ele veio correndo. Não era mais um trote, era uma corrida mesmo, num ritmo de maratona. Parti com velocidade também, quase caí da escada, mas não caí. Ele passou incólume pela frente do portão, e quando saí pelo mesmo, apressado e olhando para onde ele tinha de estar, nem sombra de nada.

Ficou para “amanhã”, uma sexta-feira. E desta não passaria. Eu podia tomar outra advertência, ouvir reclamações, ladrões poderiam entrar no prédio, mas eu ia falar com o senhor A. R. Próximo ao horário, contra a norma de segurança, deixei o portão aberto e fiquei de pé, fora da guarita, no alto da escada, de onde eu conseguiria ver o meu algoz chegando com alguma antecedência, o que poderia me dar alguma vantagem. E ele veio. Rápido. Muito rápido. Tipo Usain Bolt. Pulei a escada e fui atrás. Ele passou do portão pouco antes de eu conseguir sair, mas dessa vez não sumiu da minha vista. Ele era ligeiro, mas eu estava descansado. Dobrou a esquina e fui atrás. Ele era mais rápido, ganhava distância. Lá pelo meio do quarteirão, ofegante, fui perdendo velocidade, e ele ganhando... altura. Eu dava passos cada vez mais lentos olhando o homem se elevar, agora, por fim, devagar. Ele não precisava mais correr. Eu não via mais a careca, só os cabelos brancos que restavam nas laterais e na nuca. E o velho foi ficando cada vez menor enquanto ganhava o céu.

sumário

Laio Manzano (laiomanzano@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1979. É jornalista, radialista, roteirista e escritor.

Borboletas-monarca

Manuela Buk de Araujo

Elas gostavam de reinar sobre as árvores fruteiras do meu jardim.

Eram pés e pés de maracujá se entrelaçando, se amontoando, trepados no muro. Seus caules afiados rasgavam a pele fina do meu dedo: deixei incontáveis pedaços de mim ali plantados. Um pequeno jardim selvagem, cercado pelas pedras de concreto que delimitavam o retângulo de terra no canto da garagem.

Naquela casa térrea, cheia de memórias, que um dia desabou.

Nunca usávamos a garagem interna, muito estreita. O Passat 2003 do meu pai ficava estacionado na frente da casa. Aquela área vazia acabou sendo perfeita para meu zoológico de animais de pelúcia. Eu sentava as fofotes no banco da frente

do meu caminhão amarelo e oferecia um passeio mágico por dentro do meu safári.

Tinha horror das barbies. Elas mofavam em gavetas que só abria quando minha avó perguntava: cadê a boneca que te dei de presente? Não eram divertidas como mostravam as propagandas. Já as fofotes eram macias com suas roupas de algodão, cada uma pintada com um tom pastel, cabiam na caixa de fósforo, e que gostoso era dizer: fofotes.

Quantas atrações eu oferecia em meu safári jurássico! Os animais eram dispostos em jaulas pacíficas, onde um grande coelho de pelúcia podia viver seguramente com um dinossauro de plástico. Comparadas às fofotes-turistas, as borboletas-monarcas eram como pterodáctilos.

O pomar de maracujá atraía populações numerosas dessa espécie. De longe, pintavam o céu num voo ritmado com suas asas tingidas de laranja vibrante como olhos felinos delineados de preto. De perto eram feias como se tivessem sido torcidas e viradas do avesso. O lado bom de ter o esqueleto para fora do corpo é que aí realmente não dá para esconder mais nada.

Artrópodes, invertebrados, celomados, bilaterais. Que injustiça os cientistas fizeram com os insetos! Descreveram os bichinhos com nomes tão amargos.

Eu aprendia biologia em meu jardim. Já tinha a manha de capturar as borboletas, que não demonstravam muita resistência. Eu fazia uma caverna escurinha com as mãos e elas se debatiam lá dentro até o cansaço. Para devolver a elas o dia, bastava abrir os dedos. Elas fincavam os canudos pretos na palma de minha mão, procurando néctar doce em meu suor. Eu era uma deusa piedosa, e ah!, que bonitas eram as borboletas laranjas fosforilando no meu quintal.

Animais coloridos são sempre os mais venenosos, ensinava minha avó, tem que tomar *muito cuidado com elas. Não fica pegando nelas e depois colocando o dedo no olho que isso cega.*

Quando as pessoas vinham nos visitar, minha mãe abria as janelas da sala de jantar e dizia: acredita que a plantação de maracujá deu borboletas-monarcas? E ria.

Mas como que o olho da asa no corpo do inseto pode machucar o olho da cara da pessoa, vó? O silêncio dela me ensinava que a lagarta não podia questionar a borboleta.

Gostavam de cafuné e deixavam um rastro laranja na ponta dos meus dedos. Suas asas se transformavam em membranas transparentes: um portal para o outro mundo. Eu abria janelas nas asas das borboletas. O perigo de colocar a mão nos olhos era não ver isso nunca mais.

Em uma aula de ciências, a professora quis ensinar sobre o aquecimento global: “se as borboletas começassem a fazer cartazes a favor da sobrevivência da sequoia, seriam iguaizinhas aos humanos se manifestando pela sobrevivência da Terra”.

A árvore perde suas folhas enquanto gerações e gerações de borboletas falecem, despencam do céu ou viram lanches para os colibris-de-peito-amarelo que pousavam no muro do nosso jardim. A sequoia resiste por milhares e milhares de anos, os insetos morrem mais rápido, simples assim. “O ciclo de vida das borboletas é curtíssimo. Passam duas semanas como lagartas, dez dias no casulo e mais duas semanas como borboletas. Seis semanas, se tiverem sorte.”

Imagine a tristeza que senti olhando as borboletas laranjas de meu jardim. Queria gritar: por que estão perdendo tempo pousando por aí? Os minutos eram anos, e eu desperdiçava suas vidas com meus safáris imaginários. Me perguntava: que tipo de anjo da guarda — a única divindade na qual eu acreditava — cria esculturas que voam diretamente para a morte? Se a lagarta ficasse na própria toca poderia viver muito mais tempo, só que estaria dormindo. Que tipo de anjo da guarda é esse?

A professora esqueceu de mencionar a importância da polinização.

Eu seria mais misericordiosa. Tomei os problemas insetanos pelas mãos. Decidi oferecer um dia espetacular às moradoras de meu jardim, daqueles que valeriam a pena viver.

Montei o velho zoológico de bichinhos de pelúcia, espalhei pela garagem potes com mel. Forcei a abertura das flores ainda verdes: sim, tive que apressar a vida, pois a morte estava ali à espreita, na forma de um pássaro faminto ou de um ponteiro que insiste em colocar um segundo atrás do outro. De vestido amarelo, saltei, pulei, cantei ciranda cirandinha, e juntas celebramos a vida.

Durou até a hora de começar o desenho que eu gostava de assistir na TV, então atravessei a porta que dava para a cozinha, peguei meu suco na geladeira e me deitei no sofá da sala.

Foi naquele instante que elas morreram: quando as esqueci.

Semanas depois, minha avó me levou para conhecer Holambra. Passamos as manhãs na piscina do hotel, descendo o tobogã azul e comendo pastéis de Belém que ela encontrou em uma padaria dali.

Foi a última viagem que fizemos juntas, em todas as fotos ela está de óculos escuros, e até hoje desejo que, em outra linha

do tempo, ela tenha feito escolhas diferentes. Esquecido os óculos na cômoda. Assim, ela teria saído com o rosto descoberto nas fotografias e eu poderia me lembrar de seu olhar perdido em casas azuis e brancas da paisagem, um leve sorriso no canto de seu rosto. Aquele instante, aquele dia. Quem tirou as fotos? Ela está e não está viva. Não está porque teve um ataque do coração. Está porque eu nunca a esqueci.

Voltamos da viagem, e todos os pés de maracujá haviam sido arrancados.

O que aconteceu com nossa floresta, eu perguntava. Minha avó me explicou que meu pai tinha cansado da bagunça, da gosma que os maracujás cuspiam, das espécies invasoras que se escondiam nas raízes, da desordem de um ecossistema não controlado. Arrancou tudo ele mesmo. O muro ficou pelado. Pintou de verde-água, verde-morte, e plantou dez mudinhas de arbusto da mesma estatura, todos milimetricamente podados com folhas grossas, sérias e decididas.

As borboletas vão voltar, vó?

Não, se foram. Mas tem outras lá no parque, não é? Eu já vi algumas ali e eram todas amarelas, acredita? Tem azuis também.

Azuis?

Amanhã eu te busco mais cedo na escola e vamos lá, você e eu. Um dia só nosso.

Visitamos o parque, mas não tinha nenhuma borboleta. Ela me comprou um sorvete de flocos. Voltamos para a casa dela. Me obrigou a tomar um suco de acerola, mamão e laranja. Suco fortaleza, como ela chamava. Eu achava horrível, mas tomava.

Ela quis cozinhar os próprios pastéis de Belém. Ficaram muito duros, mas, ah!, que bonitas eram as mãos de minha avó tirando doces portugueses do forno. Que bonita era sua pele de papel.

sumário

Manuela Buk de Araujo (manu.buk97@gmail.com) é formada em Psicologia pela PUC-SP e atualmente trabalha com escrita e tradução. Escreve desde criança, numa paixão declarada pela literatura.

Chinelinhos

Manuela Stelzer

De manhã, era um corre-corre pra lá e pra cá, gritaria, um tal de pergunta sem resposta e lembretes jogados ao vento. Pegou o protetor dos meninos, Alberto?, Quem empacotou os lanches?, Alguém viu minha canga?, José, as frutas cortadas estão na geladeira, coloca nos potinhos de plástico!, Vê se não esquece o chapéu, Rita! Depois, rumava até a praia, uma caminhada que parecia infinita para Marquinho, que ia chutando uma bola, levando uma sacola com um baldinho e uma pá.

Quando finalmente chegavam, todo o incômodo se desfazia. A criançada se dividia para pedir açaí e milho na espiga, cavava buraco, construía castelo, tomava caldo, engolia sal e saía do mar com a sunga carregada, um montinho de areia retido bem no traseiro.

A volta para casa era silenciosa e bem mais leve que a ida, agora com latas, garrafas e potes vazios. O processo do ba-

inho levava um tempo — um único chuveiro para todos, e que teimava para esquentar. Aí era tiro e queda: um a um, os familiares caíam no sono. E era só aí que a verdadeira diversão do Marquinho começava.

Ao som do primeiro ronco dos tios, ao ver escorrer a primeira baba da boca dos primos, colocava os chinelinhos nos pés e saía pelas ruas de paralelepípedo como se fosse dono daquelas bandas. Via sempre os mesmos dois bêbados caídos pelas calçadas, o segurança do condomínio de luxo da avenida tirando uma soneca, casais de adolescentes dando beijos molhados. A madrugada era a maior felicidade do Marquinho.

Mas nada superava a chegada na areia — à noite. Os grãos faziam cosquinhas entre os dedos, a luz da lua realçava a espuma branca das ondas e o barulho da maré alimentava sua vontade de brincar. Ficava ainda mais eufórico ao pensar que não precisaria dividir nenhuma gota de mar com os primos. A praia era todinha sua.

Naquele janeiro, com o mar ainda regado de rosas brancas, Marquinho seguiu seu roteiro: quando a família adormeceu, calçou os chinelinhos e, com muita cautela, levantou-se da cama, abriu a porta carcomida pela maresia. Assim que a primeira brisa úmida bateu em suas bochechas rosadas, sentiu-se livre.

Pé ante pé, o menino chegou na praia. Naquela noite, a lua brilhava como nunca. Nenhuma nuvem atrapalhava seu clarão. Parecia até que a noite era dia. Com tamanha luminosidade, era como se a água salgada o chamasse: dar um mergulho no mar lhe pareceu uma ideia genial. Arrumou um montinho de areia, onde empilhou o pijama. Ao lado, os chinelinhos. Deu alguns passos para frente, deixou que a água beliscasse os dedos, depois o peito do pé, então os tornozelos. Está tão quentinha!, pensou. Mais alguns passos, e sentiu a água encharcar a cueca. Ali era o limite, segundo a mãe, que gostava do bordão água no umbigo, sinal de perigo. Repetiu algumas vezes a frase, lembrando-se do que não queria esquecer, até que algo cutucou seu bumbum. Virou afoito para trás, mas logo respirou aliviado: era só o espinho de uma das rosas brancas que boiavam por ali. Mas logo se esqueceu do episódio. Empurrou-a para longe e quis mergulhar. Só para sentir a água nas bochechas, pensou. Seria rápido, logo voltaria ao marco do umbigo, lembrando que a mãe o fizera prometer que não entraria no mar sem gente grande por perto. Tentou deixar a repreensão um pouco de lado. A água parecia tão calminha. Era só um mergulho, como fazia durante o dia, perto dos primos. A única diferença é que agora estava sob a luz da lua, em vez do sol. Mergulharia, decidiu.

Mas uma vez com a cabeça debaixo d'água, toda a claridade que testemunhara segundos antes se esvaiu.

Marquinho mexia as perninhas, os bracinhos, tentava voltar à superfície, desesperado, mas sentia-se embalado pela marésia, como se uma porta tivesse se fechado em cima de sua cabeça e ele não conseguisse mais abrir. Voltou a pensar na mãe, pensava no perigo, no umbigo, no ronco dos tios, nos primos dormindo, no pijama que jazia na areia.

Em pânico, pensou em abrir os olhos. Quem sabe não descobrisse como sair dali? Mas nunca tinha aberto os olhos debaixo d'água. Pensava que o sal machucaria a vista. Era o que acontecia quando um pouco do shampoo escorregava do cabelo durante o banho. Mas ali, debaixo das marolas, era como se uma voz lhe desse permissão e assegurasse que ele iria gostar de ver o que vivia dentro do oceano.

A curiosidade superou o pânico. Sem muito mais tempo para pensar, sentindo os pulmões buscando oxigênio, abriu os olhos de uma vez. Não demorou muito para que a vista embaçada desse lugar a um cenário vibrante. Sabia que não era magia por se lembrar fielmente das imagens de seus livros de ciências, que descobriu serem iguaizinhas ao que testemunhava agora: corais, ouriços, peixinhos aos montes. Podia jurar que uma tartaruga passara logo acima de sua cabeça.

As criaturas eram velhas conhecidas do Marquinho, mas as cores — nunca vira cores tão vibrantes. As páginas dos livros

da escola não faziam jus aos corais laranja-tangerina, aos ouriços roxo-púrpura, aos peixes azul-turquesa. Até a tartaruga era um verde-oliva brilhante. Era como se a luz da lua tivesse pintado cada gota do oceano.

Ele estava maravilhado, sentia-se dentro de um sonho, ainda mais por estar flutuando, leve. Ou estaria afundando? Em transe com a vibração das cores, Marquinho esqueceu por um segundo que estava dentro do mar. Precisava de ar, os pulmões clamavam. Abriu a boca, ainda fissurado pelo cenário, e, por instinto, tentou respirar. Foi inundado de água e sal. As narinas ardiavam, a garganta parecia tapada pela pressão da água. Nada mais entrava ou saía, era tudo mar.

Engasgado sem ar para recuperar, ia perdendo a consciência aos poucos, as cores se misturavam, embaçadas, tontas, faziam um arco-íris aquático em cada bolha de ar que saía das narinas do menino. Os últimos suspiros se esvaindo, subindo à superfície com o pouco de oxigênio que restava lá embaixo, estourando quando finalmente alcançavam a praia. Tudo dançava. E ele afundava.

Marquinho afundou tanto, tanto, que enfim se conformou com o afogamento, os bracinhos e perninhas largados na água, sem forças. Estava cansado de tentar. Toda energia que tinha reunido para abrir os olhos agora se voltava contra ele:

as pálpebras pesadas, querendo acomodar as córneas, lubrificá-las e guardá-las. Seu corpinho ia aos poucos se comprimindo, desligando.

Foi quando sentiu uma mão fria, escamosa segurar suas costas, fazendo-o flutuar. De repente, na velocidade da luz, começou a subir em direção à superfície. Ele sentia a pressão arrefecendo, a água menos densa. Não discernia mais nenhum peixinho, nenhum ouriço, nenhum coral. Nem mesmo a tartaruga. Tudo era um borrão de cores. A mão escamosa lhe empurrava, empurrava, empurrava. Marquinho sentiu o momento em que seu corpo deixou o mar e foi arremessado para fora. Caiu como geleca na areia. Com a potência da queda, toda a água que o entupia e o engasgava foi cuspidada, num jato. Um fio de saliva ficou pendurado na boca, quase encostava na areia, e se misturou às lágrimas do menino.

Olhou em volta procurando o pijama e os chinelinhos. Sentia frio. Levantou-se, ainda tossindo um resto de mar. Quis fitar o horizonte, checar se a luz da lua ainda contornava a espuma branca. Quem sabe a imagem o acalmasse depois daquele susto, era sua esperança. Foi quando viu uma silhueta no fundo do oceano. Devagar, o rosto virou-se em direção à praia. Marquinho conseguia enxergar, ali da beira, pupilas gigantes, um vermelho vibrante, mirando direto nele. O rosto era um tanto deformado nas laterais, se mexia. Como se

dois pedaços de pele abrissem e fechassem logo ao lado das orelhas. O cabelo, longo e grosso, boiava na água. Era tão escuro quanto o mar.

Hipnotizado pelo vermelho, Marquinho projetou o corpo para frente, como querendo voltar à água. Queria voltar para as cores. Mas não houve tempo de dar um único passo: antes que o menino continuasse o movimento, um som estridente, ensurdecedor, veio daquele rosto, que agora exibia dentes pontudos, muitos deles. As peles nas laterais agitavam-se. O menino deu um passo para trás, todos os poucos pelos do corpo arrepiados. Tropeçou no montinho que tinha feito para o pijama e caiu sentado na areia. Não quis demorar mais nem um minuto para sair dali. Catou a blusa e a calça, saiu em disparada. Deixou os chinelinhos para trás.

[sumário](#)

Manuela Stelzer (manusstelzer@gmail.com) nasceu em São Paulo. É jornalista formada pela Cásper Líbero. Escreve principalmente sobre comportamento e cultura. Desde 2023, se aventura na escrita de ficção.

A decisão de Berenice

Maria Eduarda Machado

Batom vermelho, blush iluminador. Máscara nova nos cílios alongados, contorno dos olhos marcados pelo lápis preto.

Acima do canto superior direito dos lábios, a pinta falsa, ousada e faceira, que lhe dava toda vez uma estranheza necessária. Ela gostava disso, chamava mais atenção do que o uniforme azul-bebê.

Perfume, duas borrifadas.

Pente fino e grampos dourados para segurar o coque dentro da rede.

Dentes limpos em um meio-sorriso.

Estaria pronta?

Olhou-se novamente. Não.

A camisa está amassada.

É o carrinho esmagado contra o peito, só pode ser. Ou talvez o sono, esse coitado, que vive mediado por turbulências, ela pensa.

Permaneceu estanque diante do espelho.

Tinha pavor da camisa amassada.

A pinta não daria conta disso, apesar de toda ousadia.

Não há o que fazer.

Em casa ela resolveria esse problema num ato só.

Em casa ela passa tudo, muito bem passado: roupas, lençóis, cortinas, tapetes, toalhas de mesa, panos de prato, panos de chão.

Hoje, não há o que fazer diante da camisa amassada.

Agora está trancada no cubículo do banheiro, prestes a embarcar em outra conexão cansativa, saindo de algum lugar

qualquer e indo para qualquer outro, e, ao deparar consigo mesma no espelho, o que ela vê ela não sabe nomear.

Tudo é denúncia: mangas amarfanhadas, gola excessivamente torta, o algodão esgrouvinhado — essa camisa, que há muitos anos ela veste com os mesmos dedos; começando por deslizar os braços dentro das mangas, dobrando-a cuidadosamente no mesmo tamanho e na mesma altura. Em seguida, acasalando os botões lentamente, um por um. Depois, ajeitando a gola que deve ser reta e alinhada. Por fim, enfiando a camisa para dentro da saia, puxando-a um pouco para fora, de um lado e de outro, dando aquele toque displicente, mas na medida certa. Tudo na medida certa.

E agora essa camisa, que sempre refletiu todo seu esmero e dedicação, hoje é um rasgo, um pedaço irreconhecível do que ela se tornou. Berenice, não mais Berenice, e sim uma monstra feita de vincos irregulares; uma monstra cuja boca disforme está pronta para cuspir o ódio como uma gosma quente na cara de todos.

Berenice não sabe o que fazer.

Decidiu fechar os olhos. Pensar em estratégias que pudessem promover alguma movência. Quem sabe um xale pudesse cobrir o desleixo. Talvez uma segunda pinta ousada e

faceira em algum outro ponto do rosto? Algo excêntrico. Um terceiro olho?

Berenice acha que não há saída.

Berenice, que sempre teve o controle de tudo. Ganhava bem e tinha casa própria, ajudava na quermesse da cunhada. Cuidava da calopsita da tia como de uma filha adotiva. Nunca deixou de pagar uma multa. Porque também nunca passou dos limites.

E, de repente, a camisa amassada, esse erro abissal, essa falha trágica insuportável.

Berenice não sabe como agir.

Berenice, é você que está aí? A voz da colega Júnia lhe tirou do estupor.

Berê, o povo está entrando, tem uma senhora com novecentas malas de mão, outra que já pediu um chocolatinho.

Você está bem?

Enjoada de novo?

Olha, tem um cadeirante na fileira 3A e uma menor desacompanhada na 5B.



Berenice, abre essa porta, vamos decolar. Hoje é seu turno para a simulação de emergência.

Ela não podia sair assim, cara e corpo amorfos.

Sentia-se nua.

Essa era a única emergência que ela podia enxergar.

O embate entre ela e seu próprio reflexo fora do controle.

Apesar dos anos de entrega ao ofício, encarando dias e noites no ar rarefeito, reproduzindo instruções decoradas, Berenice nunca supôs esse limite, essa gastura de sentido, essa falta de vontade de parar, de sumir.

Maldita camisa, que lhe despiu por inteira.

Porque Berenice nunca duvidou. Desde criança brincava de voar, voava dentro da cabeça, voava com os amigos, voava na solidão de suas brincadeiras — fazia asas de papelão no

fundo do quintal, gostava de colecionar aviões de todos os tamanhos, era fã do caminho que o papel percorria no ar.

Mas, hoje, vestindo a camisa amassada, o passado se desfaz, é nuvem rala no céu.

De repente, a voz do piloto interrompeu a catatonia de Berenice.

Senhores passageiros, aqui é o comandante Sérgio Nogueira falando. Tripulação, preparar para a decolagem.

Berenice escuta outra voz abafada.

Tem alguém usando? Desocupe, por favor!

Mais batidas ansiosas na porta do banheiro.

A coisa ia crescer.

Era agora ou nunca.

Ela tem que decidir.

Depois de uma pausa, respirou, renovou o ar com o resto de coragem que guardava no peito.

Desviou os olhos da camisa.

Doeu, mas desviou.

E qual não foi a surpresa ao perceber, finalmente, que estava na presença de um corpo, com pernas e pés.

Foi aí que, de súbito, sentiu alívio. Para além da camisa, havia a saia do uniforme, cujo azul-bebê reluzia, vistoso e impecável. O formato tubinho anos 60, que tanto já a incomodou, hoje contornava as coxas e o quadril com muita desenvoltura. Que boa surpresa.

Rapidamente, arquitetou o plano, sem medo.

Arriou a saia.

Fez xixi.

Abriu a torneira.

Esfregou as mãos molhadas de água e sabão, deixou-as secar com o ar. Subiu a calcinha e, cuidadosamente, cobriu-a com a saia. Puxou-a um pouco pra fora de um lado e depois do outro, para dar aquele mesmo toque displicente, mas tudo na medida certa, tudo.

Quando foi arrumar a parte de trás da saia, parou. Decidiu não mexer.

E assim permaneceu. Abriu a porta do banheiro com seu traseiro à mostra, revelando ao mundo uma bunda branca, flácida e redondamente deliciosa.

Voltou ao trabalho sorrindo.

sumário

Maria Eduarda Machado (dupellegrino@gmail.com) é atriz, professora e locutora. Formada em Psicologia pela PUC-RJ (2011), Escola de Arte Dramática da USP (2018) e Letras na Cruzeiro do Sul Virtual (2023). É professora de teatro bilíngue nas escolas Alef Peretz e Pueri Domus.

Shuriken¹

Mariana Lobato Botter

Ana chegou em casa ainda com aquele papel na mão. Da porta da cozinha, viu sua mãe encostada com a barriga na pia, o avental molhado, terminando de ensaboar a última panela. Olhava pela janela, sequer a notou ali.

Com os dedos, sentia as quatro pontas afiadas da estrela de papel que havia feito há pouco. Os cantos bem definidos. Firme, não iria se desfazer. Tentou colocá-la no bolso. Mas bolsos em vestido de menina não são feitos para guardar nada, rasos. Colocou as mãos para trás.

Apesar de ainda estar inteira, era possível sentir os grãos de areia que haviam ficado incrustados no papel depois daquele tombo. Teve que voltar correndo para casa.

¹ Trecho do projeto de romance *Pequeno museu da vida* (título provisório).

Desequilíbrio-se, mas não quis soltar a estrela. E foram ela, a estrela e os joelhos para o chão. Ainda doíam. Ficou inteira, mas suja. Era branca, sólida, tinha quatro pontas.

Olhou para as costas magras da mãe — que não terminava nunca de lavar aquela louça —, um pouco curvadas sobre a pia, baixa demais para uma mulher da sua altura. Ela teria entrado naquele carro? Sem a Julia? Preguiça boba de andar até em casa. A escola não ficava muito longe, mas as ladeiras de terra desanimavam qualquer um.

Três vezes por semana voltava de carona com eles. Julia era sua colega de sala e vizinha. Naquela terça-feira, ela não tinha ido para a escola. Mas seu pai estava lá na saída, para não permitir que Ana caminhasse. O carro era conhecido para ela. O banco de trás. Dessa vez, com dois tapinhas, ele sinalizou para que se sentasse na frente. Um privilégio.

O conjunto habitacional em que morava era novo. Pela janela do carro em movimento, os lotes em construção pareciam abandonados. De terça, sua mãe sempre fazia macarrão com molho. Vinha saboreando o almoço em pensamento, quando ele estacionou o carro a alguns quarteirões da sua rua: Tenho uma surpresa para você.

Virou para o banco de trás e pegou uma pasta de elástico. Foi quando aquele papel apareceu: branco, quadrado, grosso. Roçando o braço de leve na perna de Ana, abriu o porta-luvas e tirou uma tesoura de costura. Cortou a folha ao meio: dois retângulos. Afastou seu banco mais para trás: Vem aqui, você sabe o que é um shuriken?

Pegou-a pela cintura. Vem cá. Vou te mostrar como se faz. Acomodou Ana entre suas pernas e, conforme ia dobrando lentamente aquele papel, passava as mãos pelos seus braços e costas. Fazia mais uma dobra, apoiava a folha na sua coxa e passava a mão pela sua perna. Acariciava o papel, dobrava-o, e, ao colocar cada extremidade do retângulo para o centro, apertando bem para que as pontas ficassem duras e resistentes, formando uma estrela, ia apertando-a mais e mais.

Terminou. Deu a Ana o pedaço de papel dobrado, transformado em estrela como mágica: Viu o que você fez? Firme. Ana pegou a estrela com força em uma das mãos. Com a outra, conseguiu alcançar a maçaneta. Caiu na rua. Saiu correndo. Eram apenas três quarteirões. Não soltou a dobradura.

Sua mãe finalmente se virou:

Mãe...

O que te aconteceu, menina? Caiu? Tá toda suja. Vai se lavar que assim não dá pra sentar na mesa. Entregou-lhe a estrela, firme: dois retângulos dobrados ao centro, conectados para formar as pontas afiadas. Sujas de terra. Correu para o banheiro, lavou as mãos, sentou e esperou seu prato.

sumário

Mariana Lobato Botter (lobatomari@gmail.com) é escritora e diplomata. Fez Direito na USP e mestrado em Diplomacia no IRBr. É responsável por temas educacionais no ERESP, âncora do *Mulheres no mapa* e criadora da página literária @livro.diverso.

Transição

Maura Campanili

A imagem estática no espelho mostrava uma mulher sem idade. Os cabelos crespos, um tanto grisalhos, modulavam o rosto sério, mas sereno, levemente assimétrico. Prestando bastante atenção, dava para ver o tremor fugidivo no olho direito. O contorno da face começava a perder a forma, e a falta de tônus, principalmente ao redor da boca, era mais aparente do que as rugas, quase inexistentes na ausência de movimentos. Os olhos, o nariz e a boca eram pequenos, mas não destoavam do tamanho da cabeça. Ainda se reconhecia naquela moldura à sua frente. Sorriu.

Ao fazer isso, algo se quebrou. O espasmo discreto se estendeu do olho para toda a face direita, repuxando a boca e deixando a pálpebra cair. A expressão tornou-se irônica, e preferiu fechar os olhos e apenas sentir os movimentos involuntários, agora parte de quem era. Repetiu seu mantra matutino — o importante é ter saúde, envelhecer faz parte

da vida — sem muita convicção. Faltavam exatamente seis meses para completar 60 anos.

Se deu conta de que as projeções feitas ao longo da vida nunca haviam chegado a esse ponto. Quando criança, havia as conversas sobre o final do mundo no ano 2000, conforme profetizara Nostradamus. Lembrava-se das discussões noturnas na cama de casal que dividia com as primas, quando dormiam na casa da avó nos fins de semana, ou após a escola com os amigos, no escadão que ligava sua rua a uma outra abaixo, o qual não deveriam frequentar por ser inóspito, mas por isso mesmo ideal para conversas sérias. Contava nos dedos para ter certeza e, ao se certificar que teria 36 anos na mudança de século, ficava aliviada. Vou ser uma velha até lá, dane-se o fim do mundo.

Depois fez planos para se formar, ter uma profissão e não ser dona de casa como as mulheres adultas do seu entorno. Queria ser linda, ter sucesso, encontrar alguém para dividir a vida e criar uma família. Em algum momento, acreditou que ajudava a salvar o mundo com seu trabalho e ativismo em organizações socioambientais, e a militância tomou grande parte de seu tempo, deixando um pouco de lado as pretensões de sucesso e independência. Encontrou o amor, educou os filhos.

Olhando para trás, alguns dos projetos se realizaram, outros não. Perdeu a ilusão quanto à sua influência fora de seu espaço íntimo, o mundo se vira sozinho, mas o que fazer com este terço de vida pendente? Finalmente, era livre como nunca foi, mas se sentia paralisada, sem saber o que desejar.

A resposta não estava no espelho. Se vestiu e foi ao parque caminhar em pleno meio da manhã. Estava mais quente do que esperava, a luz chapada do verão atravessando as árvores tornava o caminho um tanto dramático, é o sol ou sou eu? Pensou nos filhos crescidos e já fora de casa, no trabalho para o qual dedicou 40 anos, mas que não a satisfazia mais, nas novas atividades começadas sem objetivos claros. Será necessário propósito?

Seu estado melancólico, tinha consciência, vinha dos braços doloridos pelas duas vacinas tomadas no dia anterior e do regime alimentar iniciado há duas semanas para perder peso. Eram parte do combo de mudanças que vinha se instalando lentamente em seu corpo: um metabolismo falho, insônia, cansaços súbitos e falta de concentração. O déficit de proteínas detectado nos exames e o tratamento dos espasmos faciais a levavam a se confrontar com antigos preconceitos e se render a soluções antes impensadas: suplementos alimentares, ansiolíticos, aplicações periódicas de botox no rosto.

A vida já não era a mesma, mas, afinal, quem disse que será pior?, pensou. Aos poucos, seu estado de espírito se acalmou. Voltou do parque cantando, almoçou sua refeição de calorias controladas, vestiu uma das calças que estavam apertadas e voltaram a ficar bem. Nenhum compromisso era obrigatório ou tinha prazo. Foi ao shopping. Viu vitrines e, contrariando a sensatez habitual, comprou três vestidos de uma vez. Sem óculos, na luminosidade precária do provador, achou que estava ótima.

sumário

Maura Campanili (maura.campanili@gmail.com) é jornalista, geógrafa e escritora. Atuou em ONGs e veículos de comunicação, como Agência Estado e Terra da Gente. É autora dos livros *O século da escassez* (Claro Enigma, com Marussia Whately) e *15 histórias de conservação* (Save Brasil), dentre outros.

O amor e outros traumas

Mayra Beatriz Bertazzoni

Quando eu tinha 10 anos, ganhei uma tartaruga bebê do meu tio. O nome dela era Baby. Bem original. Não sabíamos se ela era macho ou fêmea, então o nome precisava ser neutro, segundo minha mãe. Já tínhamos sofrido o trauma da Pipa que era Pipo. Nosso porquinho-da-índia. Naquela época ainda não tinha chá revelação pra organizar esse tipo de coisa.

Um dia, nós — meus pais, meus irmãos e eu — viajamos pro Guarujá. Quando voltamos, Baby estava morta no quintal: foi tentar descer um degrau e virou com o casco pra baixo. Chegamos e ela estava esturricada. Não cheguei a ver essa cena seca e horripilante, mas me lembro de entrar no banheiro do quintal mesmo e chorar. Chorar muito. Afinal, Baby foi o único animal de estimação que eu tive, mesmo que quem cuidasse do porquinho-da-índia do meu irmão e da cachorra da minha irmã fosse eu. Eu chorava porque, no

auge dos meus 10 anos, dedicava todo meu amor a ela — e ao menino que eu paquerava desde a 1ª série. O fato de perdê-la doía de verdade. Baby me ajudou a enxergar que alguns amores são assim mesmo: chegam rápido, terminam mais rápido ainda, e fazem você chorar de desespero e saudade. Minha tartaruga foi minha primeira namorada.

Quando eu tinha uns 16 anos, me apaixonei perdidamente por um colega de escola, que era um ano mais velho. Descoladíssimo. Ele fazia teatro comigo, mas também fazia show voz e violão no barzinho pop da cidade, era presidente do grêmio, respeitado e admirado pelos professores e tinha a bunda mais bonita que eu já tinha visto até então. De calça, obviamente. Sou de Piracicaba, antro da moral e bons costumes — hoje em dia, 89% bolsonaristas —, portanto fui uma adolescente cristã e chamava as colegas bem-resolvidas sexualmente de vadias. Eu achava que esse boy me paquerava. Conversávamos pacas nos intervalos dos ensaios e pelos corredores da escola. Baseada nisso, construí uma linda história de amor pra nós dois. Todo mundo falava que a gente combinava. Até que um dia, viemos de excursão pra São Paulo, momento em que achei que nosso amor ia se tornar verdadeiro, porque viveríamos uma daquelas cenas de comédia romântica em que os protagonistas teen ficam meio longe do restante grupo, conversam a viagem toda e se beijam em algum cenário inusitado. De preferência com muita chuva. Claro que isso não aconteceu.

Na realidade, ele voltou beijando outra menina a viagem inteira e eu tava na poltrona do lado. Nesse dia também chorei, chorei muito, e entendi que a *friendzone* é uma realidade e que minha capacidade para criar flertes que não existem não tem limites.

Quando eu tinha 19 anos, descobri que meu crush pegava meu melhor amigo, mesmo depois de ter me mandado declarações de amor em forma de letras de música no MSN. “Estranho seria se eu não me apaixonasse por você”. Ele me escreveu isso e logo em seguida meu amigo mandou um SMS pedindo pra eu ir lá. Meu amigo me contou que eles ficavam sempre e que o boy tinha inclusive dito que amava ele. Saí de lá odiando os dois. Tive que dirigir meio tremendo, meio chorando. Foi difícil, mas sobrevivi. Depois disso, resolvi que o amor sempre vence, e eu e o crush namoramos quase dois anos, tempo que ele passou me torturando por conta do meu corpo. Hoje em dia ele é casado com um cara, mora em Londres e a gente não se fala mais.

Quando eu tinha 23 anos, outro namorado olhou no fundo dos meus olhos enquanto eu terminava com ele e disse: *Bem que minha mãe disse que eu era bonito demais pra namorar uma gorda.* Maduro. E feio. Hoje ele é casado, tem dois filhos. A gente se segue no instagram. Também sigo a esposa dele. Ninguém sabe por que se segue, mas seguimos

nos seguindo. Esses dois namorados incríveis me ensinaram que amor, ódio e controle podem andar lado a lado. E que qualquer relação, por mais traumática que seja, pode um dia se tornar insignificante.

Quando eu tinha 25 anos, conheci meu ex-marido. Ainda naquele ano, a gente deu o primeiro beijo. No fim do ano seguinte, começamos a namorar e noivamos. No outro, fomos morar juntos. E, por fim, casamos. Eu, uma noiva com vestido branco rendado com uma calda de uns dois metros. Nunca usei uma roupa tão complexa. Mas aquele look era meu sonho. A gente era foda juntos. Todos os nossos amigos tinham a gente como exemplo de casal saudável e feliz. Até que decidimos nos relacionar com outras pessoas. Ele se apaixonou pela primeira gata que conheceu, eu me apaixonei por uma gata que me deu dois foras — híbrido, um online, outro presencial. Inspirada nesse meu fora, terminei o casamento duas vezes — uma dois meses atrás e outra quarta-feira passada — e bloqueei ele e a ex-atual-namorada no whatsapp, instagram, e-mail, pix. O que eu aprendi com isso? Por enquanto, a ter muita, muita, mas muita raiva e a dar uns gritos na janela de vez em quando do nível *Eu vou matar esses dois*.

Mas, o importante é que a terapia tá em dia — tô usando essa no meu Tinder — e que eu não virei aquelas escritoras que usam seus textos para despejar traumas. Afinal, literatura não é lugar de terapia, não é mesmo?

sumário

Mayra Beatriz Bertazzoni (mabertazzoni@gmail.com) é formada em Letras pela Unesp. Nasceu em Piracicaba, mas mora em São Paulo há 13 anos. Todo dia pensa em ir embora, mas sempre arranja motivos pra ficar. Trabalha com autoria de materiais didáticos e orientação educacional. Escreve seu primeiro romance, cujo título provisório é *A última mordida*.

E não é que alguma coisa acontece no meu coração?

Mirella Amorim

Eis um tema batido: as idiossincrasias paulistanas sob o olhar de uma carioca. Bom, para começar, não sou exatamente uma carioca. “Natural de Vitória-ES” é o que consta no erregê (no errejota, não se fala erregê, peguei essa mania em essepê). Foi por pouco que vinguei. Alguma coisa entre os brônquios e os alvéolos antecipou os planos familiares e, antes de qualquer gugu-dadá, fui para o Rio de Janeiro. Com isso, tive a sorte de escapar do único assunto que afirma a identidade capixaba: a defesa da moqueca sem dendê. Uma rixa inútil com os baianos que sequer se lembram de que o Espírito Santo existe, que dirá de sua moqueca.

Malograda sina. Rejeitei o monotema da “verdadeira moqueca” e acabei refém do único assunto que afirma a identidade de uma carioca (ainda que troncha) em São Paulo:

os contrastes entre a nossa gente bronzada que mostra seu valor e essa gente valorosa que disfarça a palidez.

Cheguei pelo encontro das águas do Tietê com o Pinheiros, cruzei os charcos da Ceagesp, aportei na ilha Vera Cruz. Fiz morada nas colinas das Perdizes e de tantas outras aves que gorjeiam algures. Sabe-se lá como, tive a fortuna de vir parar na Zona Oeste. É daqui que olho São Paulo. Um tanto patética e inútil a tentativa lírica dessas frases. A poética por aqui tem outras notas e tons.

Só quatrocentos e cinquenta quilômetros nos separam e não me cansa o espanto. As ilhas de prosperidade são tão maiores em escala e pujança que quase dá para, num átimo de distração, pensar que aqui o luxo é para todos. Distante da cínica convivência democrática praiana e batuqueira, ficam bem mais nítidos o bom e velho conceito de classe social e, por conseguinte, meu lugar ao sol. Fora que me entendi, em alguma medida, negra, coisa que jamais soube ser. Isso é bom!

Tem coisas que só São Paulo faz com você, e tem muitas coisas cuja melhor versão só tem em São Paulo. Pão, café, livraria, monumento, ponte, oportunidade. Uma gente proba, culta, e os mais bem acabados exemplares de um tipo que ultrapassa fronteiras: o tal homem-branco-hétero. Por essas

bandas, ele é letrado-ilustrado-analisado-culpado-desconstruído. Às vezes nem tão hétero, nem tão culpado, menos ainda desconstruído. No entanto, invariavelmente disposto a explicar tudo aquilo que (acha que) não foi entendido. Na ausência de repertório para classificar o que não é espelho, está sempre apto a te chamar de figura na certeza de estar fazendo um elogio. Possui uma comovente satisfação em ensinar, elucidar, aclarar. Não sem razão, é em São Paulo que se encontram os centros de excelência de todas (ou quase todas) as áreas.

Quando vão para a natureza, dão às gentes do lugar bons exemplos de preservação ambiental, de como se pode viver com menos e, de quebra, compartilham receitas de um bom pesto e massa caseira. Do caderninho da nonna. Uma beleza! Há quem diga (acredite, há!) que, se ainda existe natureza (“natureza” é uma forma genérica de se referir a alguma porção de Mata Atlântica intocada e entocada onde, literalmente, vão respirar), é graças à inequívoca, admirável e ressignificada vocação desbravadora do paulistano. Uma espécie de *nouveau pionnier*.

Uma variante da natureza é a — também genérica — “praia”. O maior grau de distinção para praia é se ela pertence ao Litoral Norte ou Sul. O pessoal aqui da Zona Oeste, pelo que sei, frequenta exclusivamente o norte. Não importa se são

enseadas, praias com ondas, de mar aberto, com acesso fácil ou difícil. Um paulista, quando desce a serra, não qualifica seu destino, diz apenas e tão somente: vou para a praia.

E assim, com eficiente dissociação dos conceitos “cidade” e “natureza”, acham esquisitíssimo, sem qualquer sentido prático, observar fenômenos DA natureza NA cidade e, pior, em um dia (como o próprio nome diz) útil.

Depois de meses perdida no calendário lunar, li em algum lugar que teríamos uma lua cheia especial. Não lembro se era alguma coisa astrológica ou astronômica, mas era da maior importância. Procurei por um ponto de observação, consultei o azimute, baixei um aplicativo de bússola, convidei pessoas. Que figura, disseram. Fomos eu, um amigo igualmente figura e uma garrafa de vinho para o Mirante da Lapa. Pimba! Ela veio gigante. Noite clara, fria, céu de Gotham City. Românticos que somos, por pouco, não uivamos.

Mães empurrando carrinhos e bebês, gente correndo, passeando com cães, todos que, com o subir da lua, foram se recolhendo. Silêncios e outros frequentadores vieram e, aos poucos, passamos a ser observados a curta distância por homens. Deixamos a lua para eles. Semanas depois, descobri que aquele era um lugar de *dogging*. Nunca tinha ouvido falar, mas ao que parece é a prática de fazer sexo em público.

Acho até que isso é antigo, mas em essepê tem esse nome. Que figuras!

É compreensível a admiração que têm pelas praias. Eu mesma só passei a dar valor quando as perdi. Às vezes sinto mais falta das fragatas e das amendoeiras que da praia, mas viver sem mar é osso. Por isso, me dá uma certa dó quando os vejo chafurdando naquilo que as praias podem ter de pior: a areia. Aos magotes, jogam tênis de *beach* cercados por telas, feito ratinhos.

Juro. O que direi a seguir não é deboche. Acho surpreendente que haja paulistano que não se constranja ao chamar de parque um viaduto pendurado nas janelas das casas das pessoas. Vejam, adoro pedalar no Minhocão por inúmeros motivos; agora, parque? Certeza, mano? Mas o que me choca mesmo é a pachorra de chamar de prainha lugares que, de semelhança com praia, têm somente o colorido e o desconforto das cadeiras de náilon. Os mais ousados ainda têm a manha de oferecer piso coberto pela malfadada — adivinha? — areia. É tão estranho usar cadeira de praia no asfalto quanto os casacos de neve que cariocas vestem ao menor sinal de dia nublado.

É intrigante, também, a forma como dão títulos às vias. Na Lapa, as ruas devem ter sido nomeadas por um minimalista,

com nomes comuns, que tanto podem ser de gente como de cachorro: Fábria, Tito, Clélia.

Em Perdizes e adjacências, os logradouros homenageiam um sem-fim de tribos indígenas. Algum tipo de reparação histórica ou placas como pequenos troféus de *serial killers*? Não têm um quê de sadismo? Vai ver não é nada disso. Nenhum urbanista soube me explicar e não encontrei nas vagas da internet uma informação convincente. Talvez seja ressentimento pensar assim, mas Higienópolis ter as ruas batizadas com nomes de estados do Nordeste só pode ser sarcasmo.

São bonitas as alamedas do Jardim Paulista que, mesmo sem álamos, laureiam as irmãs do interior: Campinas, Santos, Jaú, Itu, Franca, Tietê, cidades que ajudam a fazer desse Estado uma máquina!

E a Simpatia das ruas da Vila Madalena? Já pensou que agradável deve ser ter como endereço rua Girassol; que pinta morar na Purpurina; e que graça carregar um bebê no *sling* da Harmonia?

Tenho dúvidas se os botecos-monumento são sinceros, mas sei que são esforçados. Bares que se apresentam por terem, como diferencial, jeito carioca, alma carioca, nome de praias e bairros cariocas. Tem uns (dizem) que têm até samba ca-

rioca. Só é bom ficar ligada, dependendo do grau da animação, pois algum tonto pode bater palminha para você feito o Príncipe Charles para Pinah. Por falar em “tonto”, essa é uma expressão que aprendi aqui. Adoro. Parece ingênua, mas é muito precisa.

Voltando. Sendo honesta, há verdadeiros botecos cariocas em São Paulo. O Pirajá, por exemplo, tem a atmosfera da Ipanema dos anos 1960, chope cremoso tirado na régua, caipirinhas excepcionais, Oswaldo Aranha, e um serviço da melhor qualidade. Tem até samba com Moacyr Luz (procure saber!). Merecemos as honras. O Rio é uma vigorosa esculhambação e é natural que boteco carioca tão bom quanto os daqui nem exista no Rio de Janeiro.

Uma ressalva: a guarnição à francesa é coisa nossa, rainha dos galletos-bunda-de-fora, e não tem eficiência paulista que seja capaz de reproduzir. Batata finamente cortada, frita (não é batata palha!), coberta por um farto refogado de cebolas, *petits pois* e cubos de presunto. Uma iguaria.

Paulista ama o Rio (e cariocas!) como se amam as amantes! Sabem que não é para casar, nem para levar muito a sério, mas dá um tesão danado. Cariocas amam São Paulo (não os paulistas) como se amam os maridos. É uma analogia antiquada, reconheço. Ocorre que sou do século passado —

comemoro em 2024 meu jubileu de ouro, eu, o incêndio do Edifício Joelma e a inauguração da ponte Rio-Niterói — e, talvez por isso, a síntese esteja presa em meu tempo e, portanto, incapaz de captar as formas modernas de relacionamentos livres, abertos e, ao que parece, mais saudáveis.

Segundo minha mais paulistana amiga, precisei vir morar aqui para me tornar escritora. Minha cidade me dispersava demais. Essa mesma amiga, cheia de sínteses perfeitas, me lançou mais uma: quem gosta de escrever faz diários. O que a gente quer é ser lida. Errada ela não está.

Neste momento, escrevo um romance. Taí uma coisa elevada. Mas fico aqui pensando se, na realidade, a vocação de uma escritora carioca não seja escrever narrativas breves, pedestres, forjadas no mais perfeito desalinho urbano. Mas quem lê esse tipo de coisa? No caso dos romances, pode-se admitir que não seja lido por quase ninguém, já que escrevê-lo e publicá-lo seja, em si, tão edificante quanto estas ênclises. Vai saber. Na dúvida, sigo firme, me levando mais a sério do que jamais havia sido capaz. Tem coisas que só São Paulo faz por você, e aqui me vejo diante da minha melhor versão. Isso é bom!

Quase dois anos vivendo nessas terras e, no fim das contas, não é mesmo que alguma coisa, pujante como São Paulo,

acontece no meu coração. Tenho um propósito, um copo Stanley legítimo e estudo literatura. Além disso, acabei de lançar meu primeiro livro. São poemas escritos nesse intermédio de cidades. Oficialmente, uma escritora — oxalá, cheguem os leitores. Obrigada, essepê! Com sua licença, e mesmo sem ela, estou entrando.

Preciso terminar, mas, por último, já que falei no Moacyr Luz e caso não saiba do que se trata, sugiro: se um dia sua agenda permitir, procure o Clube Renascença, que fica na tríplice fronteira entre Vila Isabel, Andaraí e Tijuca. Passe uma tarde de segunda-feira, inutilmente, no Samba do Trabalhador. Muita coisa há de lhe acontecer no coração, do cóccix ao pescoço e, com sorte, da cabeça aos pés.

sumário

Mirella Amorim (amorim.mirella@gmail.com) nasceu em 1974, é carioca da clara e vive em São Paulo. Autora de *Amorogâmica realistópica panlímica* (Patuá, 2024), e criadora da página *Álibis & Alfarrábios* (www.alibisealfarrabios.com). Multiartista, assistente social e servidora pública.

O céu cor-de-rosa da Grécia¹

Natália Albertoni

Culturalmente, eu sabia que deveria querer ser olhada,
mas, quando olhada, não sabia o que sentir.

Sinéad Gleeson

Antônia e Mariana estão sentadas no chão de uma sala ampla no oitavo andar de um prédio ocupado do centro, onde é realizada uma mostra coletiva. Carregam o celular e retocam a maquiagem, enquanto decidem o que fazer com o resto do dia. O piso está pintado de magenta e as paredes de azul-céu-de-praia, um misto de Barbie encontra Guaraná Jesus, Antônia sugere. No meio do cômodo, uma cama coberta por uma colcha florida de tecido sintético e contornada por uma saia de babados abriga

¹ Capítulo do romance de mesmo nome em desenvolvimento.

um urso de pelúcia entre os travesseiros. No pé do móvel, um aviso adverte o público: Proibido sentar e deitar. Logo ao lado, há uma tela da Santa Ceia encabeçada pela Beyoncé, além de uma cadeirinha vermelha sobre a qual uma forca em formato de coração se pendura de ponta-cabeça. Antônia sente estar sempre cercada de indícios de que o amor morre. Será que o fim está posto em qualquer começo? Ela espanta o pensamento da mesma forma que dispersaria as moscas de bananas maduras, balançando a mão de um lado para o outro na altura do peito.

Uma mensagem de texto faz o celular dela vibrar, mas não dá bola de imediato. A amiga está contando que, finalmente, começou a namorar o carinha com quem fica há cerca de quatro meses. Ele é um cozinheiro que, segundo Mariana, não gosta de ser chamado de chef. Ela o acha um gato e, como se quisesse provar, mostra uma foto. É alto, branco, com um bigode marcado e muitas tatuagens, o que contrasta com o sorriso tímido, quase infantil. Como ela, o sujeito não tem uma disposição natural para limitar as próprias vontades. Entenderam que precisam se haver com os respectivos desconfortos e aceitar que pulariam a cerca.

Ela explica que, depois de um ou outro mal-estar em público, criaram regras: têm preferência por datas comemorativas, guardam as histórias das aventuras paralelas para

si, e quando saem juntos, curtem apenas a companhia um do outro. Separados, podem ter casos inofensivos. Não compartilham os detalhes a não ser que um ou outro tenha dúvidas específicas. O cozinheiro prefere ficar em silêncio, ela nem sempre, o que a atrapalha nessa conjuntura, compartilha. A delícia de satisfazer tantos quereres é equivalente à potência de sua imaginação. Num dia de curiosidades, por exemplo, ele comentou sobre o encantamento com a buceta de uma crush. Depois de tentar assimilar a fala, Mariana disse que aquilo era demais. Ele até pediu desculpas, embora o interesse tivesse sido dela, mas desde então sonha com a suposta mulher e o que ela poderia ter entre as pernas de tão impressionante.

Nessa semana, transou com o vizinho — uma graça — e está felizinha. Lembra que voltou para casa para dormir de conchinha com o oficial, na cama, porém, passou a noite fantasiando os dates que o namorado tem na sua ausência. Mesmo diante da aflição da amiga, Antônia sente inveja. Queria ser um pouco daquele jeito. Mas apenas diz que talvez esse arranjo seja complicado. Pra que passar por isso?

Ah, amiga, sou ciumenta, mas também sou piranha.

Antônia ri alto, inclinando as costas para trás. Depois de retomar o fôlego, alcança o celular sem expressar interesse.

Quando identifica Bê no remetente, tem o ímpeto de endireitar a coluna. Ela usa uma camiseta branca que pergunta em letra cursiva: você venta? Considera a possibilidade de estar ventando por dentro, mesmo que isso não faça sentido.

Ei, gata, tá boa?

18:43

Bê chega no dia seguinte em São Paulo. Trocam mensagens há quase um ano, desde que se conheceram numa festa de Carnaval. Se aconchegaram aos poucos, sem intenções claras, desenvolvendo estratégias para se fazerem presentes à distância. Antônia mandava áudios com trechos de livros que estava lendo. Bê enviou uma Felicidade enorme para casa dela, que ficou surpresa, afinal, não tinha compartilhado o endereço, talvez, quem sabe, o nome do prédio. Bê encontrou a rua do edifício no Google, deu um jeito de conversar com o porteiro, mandar a árvore, fazer o vaso de barro com mais de cinco quilos chegar ao apartamento com um laço dourado e, por fim, encontrá-la ao fim de uma jornada de trabalho.

Na árvore estavam embutidas suas duas versões, macho e fêmea, para trazer sorte. Ao saber disso, Antônia nomeou a planta de Calíope Stephanides em homenagem à protagonista de *Middlesex*, de Jeffrey Eugenides. Para marcar o bati-

zado, registrou nome e sobrenome à caneta num pedaço de papel e colou no vaso com durex. Bê quis entender a escolha e Antônia explicou que Callie nasceu duas vezes: primeiro, uma bebezinha e, mais tarde, um menino adolescente. Bê achou graça e disse que as duas espécies de Felicidade são plantadas juntas, segundo as boas línguas, para que relacionamentos prosperem onde são cultivadas. No período, Antônia estava tão magra que as calças sobravam com folga, precisava usar cintos e, para disfarçar, cobria as peças com vestidos para criar volume. Não tinha apetite, não dormia muito, não se sentia atraente ao se olhar no espelho, mas começou a se sentir com sorte.

Bê acha interessante o fato dela fazer uma curadoria de livros para situações felizes e adversas ou de elocubrar sobre aleatoriedades, como o funcionamento dos túneis subterrâneos dos caranguejos. Coisas desimportantes, faladas sem pensar.

Aos poucos, provocações impossíveis de saciar cedem espaço a mensagens longas que, com o passar dos dias, mais parecem uma troca de cartas de amor ridículas.

Encontrei uma flor roxa bem escura que se chama Saudade. Achei lindo isso de existir uma cor para um sentimento. Comprei um maço ralinho,

na verdade todos são assim, e montei um arranjo para a mesa da sala. As flores parecem pompons pintados com determinação para decorar uma festa dramática. Ao longo da semana, as pétalas miúdas, do tamanho do terço de uma unha, começaram a se soltar. Eu não tive coragem de jogar fora. Então, elas se espalharam sobre a madeira, ocupando mais e mais espaço. Ficou tão bonito. Quando tinha mais flor na mesa do que no vaso, recolhi tudo e distribuí em potes de tamanhos diferentes. Pensei que, no fim, com o tempo, a saudade vai ficando pequena, murcha, seca, mas ainda bonita. E pode ser guardada em potes, de tamanhos diferentes, arranjados em estantes dentro de nós.

15:04

[foto de duas embalagens de vidro sem rótulo dispostos lado a lado sobre uma mesa de madeira. um é comprido e fino, provavelmente de geleia importada, com micropétalas roxas e lilases até a tampa. o outro, mais baixinho e bojudo, está preenchido até a metade.]

15:05

Nossa, que lindo isso. Eu adoro o seu jeito de falar, as coisas que você pensa. Você me inspira tanto. Queria que visse o sorriso que aparece no meu rosto cada vez que escuto você divagar sobre qualquer coisa. Imaginei estar aí, agora. Dá um potinho desse pra mim? Isso está começando a mexer demais comigo. Tenho muito medo de você e, ainda assim, uma vontade enorme de mergulhar em você. Enfim, muitas coisas que eu não deveria dizer agora. Não sei o que fazer a partir de aqui.

15:08

Bê tem uma namorada com quem divide os planos de férias e a casa em Belo Horizonte, e conta toda sua história abertamente para Antônia, que viu uma única vez, mas com quem fala mais do que com qualquer outra pessoa. Bê gosta muito de Antônia, gosta muito da esposa, e gosta muito da própria liberdade, da qual, talvez, mais sente falta.

Antônia não sabe, mas se apaixonar por uma pessoa comprometida que se encante tão profundamente por ela a ponto de largar tudo é o que ela mais deseja. Então, dá toda a corda que tem. Bê assume que está sem assunto e puxa papo a todo momento porque não consegue evitar. É quase um minuto a minuto. Antônia percebe aquilo como o sinal

de alguma garantia. De que, ainda não é claro, mas a ajuda a nutrir a ideia desmaiada dentro de si de que vale o risco para alguém.

sumário

Natália Albertoni (oi.nalbertoni@gmail.com) é jornalista e escritora. Criou a série *Instruções para saciar pequenos prazeres* (2020), exibida na Hysteria. Participou da antologia *As cidades e os desejos* (2018) com a crônica visual “O meu caminho até você”.

Sina passageira¹

Norberto de Assis

*The world has no name, he said. The names of the cerros
and the sierras and the deserts exist only on maps.
We name them that we do not lose our way.*

Cormac McCarthy

V.

Numa tarde de sol, com nuvens esparsas pelo céu, Benevides, após terminar de arrumar o salão do bar e tirar a roupa do varal, caminhava por uma das margens da represa carregando um livro. Caminhava devagar, observando o ambiente, virando a cabeça de um lado para o outro. Adentrou em uma estrada asfaltada e

¹ Trecho de novela do livro *Venha com o nome*.

segiu em frente até encontrar o portão de uma chácara entre palmitos-juçara e goiabeiras. O portão de madeira estava aberto e, ao lado, acima de uma fonte em formato de cabeça de leão, estava pregada uma placa com o nome *Rancho do Zeca Amor*. Benevides passou água no rosto e deu um gole na água que jorrava no tanque. Inclinou a cabeça em direção ao interior da chácara: um caminho de pedras, ladeado por mata, uma casa. Inclinou o corpo para trás e olhou para os dois lados da estrada, virando a cabeça de lá para cá, e, depois disso, entrou.

Caminhou entre as pedrinhas, que se espalhavam e se chocavam a cada passo seu; folhas verdes, de diferentes tamanhos e formatos, despencavam intermitentemente. À medida que se aproximou e o caminho se abriu em uma clareira preenchida por grama recém-cortada, o terraço da casa revelou bancos de madeira e redes de balanço pendurados em colunas de tijolinhos, pelas quais Benevides resvalou as mãos.

Ele se sentou em um dos bancos, virado para uma campina onde meia dúzia de cavalos pastava. Tirou um celular do bolso, e mesmo dando dois toques na tela, ele continuou desligado. Aproximou o celular do rosto, se olhando por um tempo, mexendo nos cabelos enrolados, e depois devolveu o aparelho para o bolso. Abriu o livro em uma página marcada e tirou o envelope pardo. Deixou o livro aberto em seu

colo e respirou fundo. Aproximou as mãos do rosto e fez com os dedos o movimento de uma câmera, apontando em direção aos cavalos: um potro malhado acompanhava um cavalo preto. Eles corriam pela campina, desviando de outros cavalos, subindo e descendo até a cocheira. Os rabos dos dois balançavam em sincronia, e o potro, após se alimentar de silagem em um comedouro, se esfregava no cavalo negro, que relinchou. O focinho do cavalo negro roçava na crina do potro. O potro se afastou, correndo pela campina, até que tropeçou em um buraco no gramado, tombando no chão. O potro relinchou, tentando se levantar, batendo os cascos no chão até que o cavalo negro, que chegou galopando da cocheira, inclinou o corpo para baixo. O potro se apoiou no cavalo e se levantou, acompanhando o cavalo pela campina até se juntarem de volta à manada.

Benevides olhou para o céu: uma nuvem tinha acabado de encobrir o sol. Permaneceu assim por um tempo, quieto. Quando ele mirou o miolo do livro e fez menção de começar a ler, sons de passos, vindos da casa, quebraram o silêncio. Virou o tronco e ouviu um som de tranca se abrindo. Quando escutou o rangido da porta, fechou o livro e correu, quase tropeçando nas pedrinhas, esbarrando nas folhas caindo, em direção à estrada asfaltada, sem olhar para trás. Avançou pela estrada e encontrou a represa. Olhou para as águas e continuou correndo pela margem, sorrindo, segurando o

livro, passo atrás de passo, pulando poças d'água, até chegar na capelinha, que estendia sua sombra em direção à represa.

Então Benevides encostou na parede, debaixo da sombra. Agachou, ofegante. A brisa empurrava detritos, como sacolinhas e embalagens de plástico, pela margem. Benevides abriu o livro na página marcada com o envelope. Espiou de relance a parede cheia de pichações e começou a ler a história em voz alta: um caubói estava tomando banho em um riacho depois do trabalho. Deixou suas roupas na margem, escondidas debaixo de bluebonnets. Está de olhos fechados, esfregando os cabelos, quando um urso-pardo apareceu na margem, silencioso. O caubói se assustou ao abrir os olhos. Ficou imobilizado, com medo, mas, para sua surpresa, o urso-pardo está com o tronco inclinado no riacho, observando mansamente o próprio reflexo. Os dois, caubói e urso-pardo, permanecem em silêncio, na mesma posição, até que o urso, em um movimento rápido, enfia ferozmente o focinho nas águas e com uma mordida abocanha um grande salmão. A cena é violenta: o salmão se debate até morrer esmagado na boca do animal. Contudo, o caubói, mesmo vendo a brutalidade, pensa na beleza daquele momento, um milagre de existir em um mundo sendo, ao mesmo tempo, a caça e o caçador. Enquanto o urso some pela floresta com sua presa, o caubói sai do riacho, arruma suas coisas e segue pela trilha até sua casa.

Benevides, depois de dobrar a ponta de uma página, fechou o livro, enrolando numa sacolinha. Deixou a embalagem no chão e se aproximou da margem da represa com o envelope pardo. Abaixou a cabeça e encarou seu reflexo: passou uma das mãos pelos olhos, pelo nariz suado. Abriu a boca, mostrando todos os dentes. Ficou um tempo se encarando, com expressão sóbria. Pequenas bolhas imergiram na superfície das águas. Pressionou o envelope pardo contra as suas mãos e, logo em seguida, o guardou no bolso de trás da calça. Voltou a encarar seu reflexo na água. Moveu o dedo indicador sobre a superfície da represa, resvalando o reflexo do seu rosto nas águas. Suspirou fundo e enfiou as duas mãos na água, revirando a areia do fundo, provocando ondas concêntricas que se espalhavam pela margem. Encarou seu reflexo se deformando conforme as oscilações.

sumário

Norberto de Assis (norbertodeassis@gmail.com) é cientista social formado pela Universidade de São Paulo. Está escrevendo seu primeiro livro, a coletânea de novelas *Venha com o nome*.

O último voo do beija-flor

Paulo Henrique Gonçalves

Havia algo peculiar na energia daquele local, até mesmo certo tom macabro que rodeava as inúmeras obras de arte que se encontravam instaladas em jardins ou casarões especialmente arquitetados para abrigá-las. Por entre as rotas traçadas pelos visitantes, a natureza acabava por engolir o mundo exterior. Era como se aquele pedaço de chão tivesse se descolado da Terra e, ao entrar pelos portões, os que dentro do lugar se encontravam tivessem passado por um portal. Ainda que houvesse esse ar sombrio pairando, talvez pela calmaria excessiva ou por fotografias, esculturas e outras manifestações artísticas provocarem nas pessoas o dever de comunicar-se com sussurros, como se compartilhassem segredos do ambiente, havia também muita beleza. Os olhos saltavam ao analisar produções tão diversas: instalações de cordas torcidas, palha, ferro, anéis de pedra, fotografias de ritos indígenas, retratos de personalidades tribais, um trator enlameado em uma cuba espelhada, lutando contra a natureza

e a espada de Ogum que emitia ataques em diversos pontos do que representava a tecnologia.

Em meio a toda a aura antitética do parque de exposições, encontrei uma espécie de casa, revestida de espelhos tanto em seu exterior quanto interior. Olhar-me, já do lado de fora em diferentes ângulos, causou-me certo desconforto. Encontrava-me ali sozinho e observado pelos espelhos a todo momento. Não consigo indicar o porquê da inquietude se instaurar em mim daquele jeito. Já havia me olhado no espelho diversas vezes anteriormente, mas a combinação do ambiente com me ver preso a ele de maneira invertida acabou por me fazer sentir certa angústia.

Ainda que pudesse abandonar o local, algo naquele caleidoscópio gigante despertava minha curiosidade. Instintivamente, rodeei a construção, olhando-me fixo em meu reflexo, observando meus movimentos lentos, escutando o passar dos pés pelas pequenas pedrinhas que tomavam o piso e traziam-me de volta ao mundo real, fora da prisão em que meus outros eus foram colocados.

Quando estava para completar a volta naquilo que parecia apenas ser uma instalação de espelhos, vi uma porta também espelhada e decidi me aproximar. Toquei a maçaneta mesmo com temor do que podia encontrar. Ao girá-la e

deixar a porta entreaberta, ouvi um som suave, como das caixas de música antigas que, ao serem abertas, apresentavam uma bailarina em seu traje impecável fazendo um belíssimo giro compulsivamente. Mesmo com receio, decidi entrar. Foi uma grande surpresa perceber a projeção de um casal desconhecido, dançando de modo sincronizado. Havia beleza em seus passos. Não eram profissionais, isso estava nítido. Mas o compasso suave e a despreocupação que revelavam em cada um dos passos que seguiam o ritmo da canção revelava-se como uma aquarela. Naquele instante, lembrei minha imagem refletida no espelho, no meu exterior ou no daquela espécie de casa-instalação. Já não conseguia separar bem aquele objeto de mim mesmo.

Durante minutos, fiquei ouvindo a música relaxante e observando o vaivém dos corpos em movimento. Aparentavam ter seus sessenta e tantos anos e demonstravam em suas faces um senso de satisfação pessoal, como se estivessem aproveitando todos os momentos e não permitindo que aquilo que se passava em volta afetasse a dança da vida. Às vezes, tinha a impressão de que me observavam, de que faziam pequenas pausas para julgar meus errantes passos de dança. E quando o faziam, lembrava-me do meu desconcerto, mesmo depois de ter me acostumado um pouco com aquela situação, com aquele casulo em meio aos olhares que sentia vindo do vazio do espelho.

Quando, enfim, a projeção entrou em *looping*, senti que era hora de me afastar do casal, de deixá-lo na privacidade que havia invadido. Em verdade, queria também afastar-me para não ter de sentir o olhar deles transpassando meu corpo por alguns segundos ao final de sua dança despreziosa. Encaminhei-me à saída do local, girei novamente a maçaneta e saí. Tive de, naquele instante, acostumar-me com a claridade do lado de fora, além de me encarar uma vez mais naqueles espelhos que insistiam em controlar meu caminhar.

Minha satisfação foi tamanha ao ver, logo de imediato, à saída daquele local — no mínimo, incômodo —, um beija-flor se aproximar. Meus olhos viam ao longe o bater frenético de suas asas, as paradas no ar, o tom brilhante de suas pequenas penas ora iridescentes, ora verdes ou azuis. E os segundos caminhavam como ondas preguiçosas no final do dia, que se recolhem aos poucos e sentem apenas o luar. Por poucos instantes, permiti-me aguardar descer das escadas para observá-lo. Minha pupila, então, não mais se voltava à inversão do mundo no espelho. Era na penugem daquela ave tão delicada que via reluzir algo em mim.

Passado o deslumbramento, o desprazer. O delicado bicho, enfim, observou os gigantes espelhos em meio ao seu habitat. Encarou-o de longe, como eu, deveras, havia feito. Aproximou-se um pouco. Parou planando no ar. Meu susto

e horror foram grandes ao ver a decisão que ele tomou. Entregue ao seu próprio reflexo, não aguentou. De súbito, enfrentou-se no espelho com tanto vigor e confiança que não aguentou. Caiu no chão amadeirado com o peito para cima. Era a primeira vez que via um beija-flor completamente imóvel. Já havia tido essa sensação anteriormente ao vê-lo voar. Era diferente naquele momento, no entanto. Contradigo-me ao dizer que o vi imóvel. Na verdade, via-o agonizar no tablado, arfando. Fiquei minutos observando sua dor. Resolvi dar uns passos em sua direção, a fim de tentar algo. Movimentei-o um pouco na esperança de minimizar aquela dor. Em vão. Fixei meu olhar mais uma vez em suas penas, que não pareciam mais brilhar como antes. Mas seu verde ainda podia ser percebido. O índigo, por sua vez, havia se apagado. Quando, por fim, tentei procurar ajuda ao meu redor, olhei-me uma vez mais no espelho. E, para minha surpresa, vi-me estanque, inundado de azul.

Ressurgências¹

Renata Lima

Depois de velha, dei de ficar nessa varanda. Chega o finalzinho da tarde, o dia refresca e eu venho. Me acomodo aqui na minha cadeira de balanço, bem de frente pra corredeira, tomo um gole de ar e ficamos, ficamos eu e essa água, vendo o tempo correr, chocando a vida que nem a galinha choca seus ovos.

Eu e o rio, a gente se entende. O rio adivinha. Seu Benedito sabe tudo como foi.



Cinco da manhã, coisa boa é que não devia ser. As pancadas na porta eram de urgência. Levantei num pulo. Trinta anos

1 Título provisório de romance em produção, que se passa na beira do rio São Benedito, na região amazônica. A narradora Eulina, filha de Eusébio e Rosalina, irmã de Lineu, nasceu numa cidadezinha próxima a Belém do Pará. Ela se casa com Cidão e o casal se muda pra beira do rio. A estrutura alterna capítulos curtos, em que Eulina está sentada em sua varanda, no tempo presente, por volta de 2015/16, e capítulos longos, que são memórias.

atrás, a pousada estava lotada, podia bem ser confusão entre os hóspedes. Quando se juntam, os homens bebem cerveja, falam palavrão, querem o troféu do peixe maior. Mais de uma vez escutei darem tabefe na mesa querendo acertar é na cara do amigo.

“Doneulina!” Era Tonho.

“Doneulina!” Era Tonho, aperreado.

Faltava um dos barcos e ele perguntou por Cidão. Se estivesse em casa, meu marido teria saltado da cama que nem eu.

Aflito, Tonho esfregava as mãos na cara. Ele conhecia Cidão muito bem. Foi o primeiro funcionário que contratamos, chegou na Rural Willys desde o começo, com a gente, quando aqui só tinha um barracão. Um tipo magrelo, brincador, des-ses que acha apelido pra todo mundo. Quando explicamos o que nem eu nem meu marido entendíamos direito – a beira do rio, os jacarés-açus, o projeto de meu pai – e perguntamos se ele viria, Tonho respondeu que não tinha medo de nada e que era curioso de tudo. Logo apelidou Cidão de Capelobo, por conta do nariz bicudo do novo patrão, igual focinho de tamanduá. Assim que inauguramos a pousada, Tonho passou a chefiar os piloteiros. Seu xodó era o Poxoréu, um bote menor, o mais antigo daqui.

Corri até o quarto, conferi o banheiro, a cozinha, a lavanderia, enquanto Tonho continuou falando, repetindo que na véspera tinha contado os seis barcos. “Eu mesmo repassei todos eles ontem à tardinha, Doneulina, deixei bem presos pra se acaso ventasse.”

Tanta coisa passou pela minha cabeça. O medo é um sentimento besta que fica no cangote da pessoa sempre que o tempo abre um rombo assim sem fundo, um poço entre a dúvida e o fato esclarecido. É que Cidão vinha tendo pesadelos. Achei que eram mentira, não dei trela. Ele andava respondão, passando mais tempo na cidade que em casa. E exagerando na pinga também.

Mas, será? Ele podia só ter perdido o sono, vai ver tinha resolvido pescar no rio Azul, navegado pra longe sem pilotoeiro, o irresponsável. Era bem capaz de ele ter atravessado o rio pra caçar encrenca nas terras da aeronáutica, pra me tirar do sério, traste de marido, ia se ver comigo quando voltasse. Inventou de comprar motosserra, pra quê? Pra que desafiar as placas de Proibido Entrar? Começou com a desculpa de fazer uma mesa, disse que um tronco a menos na área da reserva não faria diferença. Daí não teve mais freio. “Homem de Deus, larga isso!”, cansei de falar, até que a notícia chegou nos militares. Coronel Brito baixou aqui falando grosso. Fiquei escanteada enquanto os dois conversavam, o militar ameaçando fechar

a pousada. Depois, Cidão teve a pachorra de me dizer que aquilo era fogo amigo, que eu não me preocupasse. Foi quando senti um começo de raiva pelo meu marido, foi quando comecei a achar o Coronel até bonito — Deus que me perdoe, mas homem de farda embeleza demais.

Cidão não estava em lugar nenhum. O sumiço dele crescia que nem quebra-dura de osso quando vai inchando e não tem como dizer que é um machucadinho de nada. Clareou o dia e os homens foram atrás, rio abaixo e rio acima.

Encontraram o corpo preso num galho de piquiarana, na margem oposta, não muito longe daqui, perto de uma daquelas placas. Foi morrer justo ao pé das autoridades, e ainda todo desalinhado: sem camisa, só de calção, o barco emborcado mais adiante. Tinha se atrevido no pretume da noite, naquele horário desgraçado em que o céu, o rio e a mata se enroscam num único escuro. Até hoje, custo a acreditar que meu marido tenha planejado a própria morte. Um impulso desses vem é de uma cabeça empestada, vem de feitiço forte. Como alguém com saúde de nelore pode fraquejar desse jeito? O que deu nele? Mais um pouco e as piranhas e os jacarés tinham devorado ele todo.

Encontrei seu chinelo de dedo em cima do ralo, na calçada de casa. Ele saiu descalço, andou até o portinho, subiu

num dos barcos de alumínio — eu nem quis saber qual pra não pegar cisma. Cidão remou e se jogou na corredeira. Ou deixou que a água brava decidisse por ele. Pode ter se arrependido, talvez procurasse só um susto e não o fim. Que diferença faz? Estivesse bom do juízo, não sairia na madrugada, muito menos sozinho.

Senti um aperto de sucuri sufocando meu peito. Lembrei da falecida vó Guta, que pra mim sempre foi viúva sem que eu nunca tivesse pensado sobre o que ser viúva significava. “Velho só dá despesa”, ela dizia, “Viúva e velha então, ninguém atura”. Não era comigo que ela desabafava, era com os móveis e as paredes. Eu não tive ouvidos.

Fiquei soletrando na cabeça essa palavra — viúva —, a palavra tinha som de raiva, viúva de uma figa, coração seco, as ofensas entre minha mãe e a sogra agora cabiam em mim. Sabia que logo me chamariam de viúva Eulina, de Viuveulina.

Eu estava nesse lugar de bicho acuado quando Tonho me chamou pra dizer que a notícia tinha caído que nem quireira de milho no galinheiro. Hóspedes, roteiros, as meninas da limpeza, amontoaram todos na beira d’água. Não tinha como disfarçar o corpo coberto com sacos de lixo e amarrado com pedaços velhos de corda; de longe eu escutava o

vozerio lamentando. Não tive coragem de tocar o cadáver, nem com os olhos.

Levaram o defunto pra cidade, era preciso registrar a ocorrência. Seria mais fácil enterrar ou queimar lá mesmo, como fazem nas aldeias, sem certidão, pra ele virar tronco de árvore em outra vida. Mas não dei palpite, Tonho cuidou de tudo. Da funerária, em Paranaíta, ele avisou meus pais e meu irmão.

Os hóspedes queriam pescar, mas por respeito foram só na manhã seguinte. Achei que eu devia abater a diária, um dia a menos não é pouco pra quem só tem uma semana de férias longe da família, como eles gostam de se gabar. No refeitório, ainda escuto esse tipo de conversa, os marmanjos rindo alto, com suas camisetas estampadas de peixe, numa fuga uniformizada. Hoje acontece de as esposas também acharem graça de pescar sem seus maridos; antes não, eram só eles. Mas talvez por isso, pra escapar do meu acontecimento, é que pensei nos outros. Como se o bafo de morte que já rodeava a pousada igual urubu na carniça pudesse ser adiado.

Veio o falatório. Disseram que foi Mapinguari, a criatura peluda da mata, que atrai desgraceira com suas mãos e pés gigantes. Ou Nego D'água, castigador dos homens, morador do fundo do rio. Eu só pensava que a responsabilidade era minha, que se eu não estivesse tão ocupada com minhas an-

danças pelo mato poderia ter percebido e evitado que Cidão descambasse. Na minha primeira noite de viúva, tive um pesadelo em que eu era a serpente Boiuna.

Lineu chegou e eu me tranquei. Tive frio nos ossos com o sol rachando lá fora, só aceitava caldinho ralo. Fiquei igual bagre, respirando no lodo.

Parei de consertar as coisas. Um vendaval destelhou a área da churrasqueira, o jeito foi cobrir de lona. Tombou uma luminária do jardim, ficou caída mesmo. Os óculos quebrados eu grudei com *silver tape*. Cidão é que tinha mania de *silver tape*; remendava qualquer coisa achando que o quebrado enfaixado ficava mais bonito, curado com essa fita de nome estrangeiro. Eu me olhava no espelho e só via cacos. Achei que seria o fim da pousada. Não que o trabalho de Cidão fizesse muita diferença, eu cuidava de praticamente tudo, mas ter um homem por perto importava. Entre outras coisas, seu jeito falante me poupava de ter que puxar conversa com os hóspedes. Os pescadores gostavam de Cidão.

Durante dois meses, meu irmão foi quem eu tinha sido pra ele na infância. Me protegeu do mau tempo. Conseguimos manter a rotina dos hóspedes e a folha de pagamentos. Quando vieram as chuvas, falei que ele podia ir pra casa, cuidar da família dele e do açougue. Ele tinha me contado da

saúde de Eusébio e Rosalina, os dois andavam adoentados. “Não sei quanto tempo mais eles duram, Eulina, é bom que te prepares.”

Acho que foi a chuvarada, foi a estação da cheia que me deu coragem, que me abriu o pulmão. Quanta água despencou desse céu, era trovoada de manhã e tempestade à tarde. A chuva e a corredeira chiando juntas, pareciam um chamado: eu tinha obrigação de sobreviver. Invoquei minha mãe. Acendi uma vela como aquelas que ela acendeu no meu nascimento. Antes que morressem, meu pai e minha mãe precisavam saber que eu não tinha desistido.

Esperei o dia certo, uma manhã menos carregada. Marchei até a beira do rio, seu Benedito estava todo gordo, espumoso. No fundo da mata, avistei a sumaúma, mãe de todas as árvores. Subi numa das pedras, encarei a corredeira. De repente, saiu de mim o caroço entalado desde a briga no campinho da escola. Foi daí que saiu da minha boca o tiro: “Desgramado!”



Quem vacila no rio é comido pelo rio. Vejo os dentes do rio. Vejo que São Benedito não aceita de tudo. Ele mata, depois cospe.

Penso que Cidão é o morcego que vem dando rasantes sobre minha cabeça, que mora nesse vão da cumeeira, entre as telhas e a viga de itaúba.

sumário

Renata Lima (rmblima02@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1964. Lançou seu primeiro livro em 2022, resultado da pós-graduação Formação de Escritores, Núcleo Não Ficção, do Instituto Vera Cruz. Em 2023, ingressou na segunda pós-graduação, dessa vez no Núcleo Ficção.

ANTROPOLOGIA
HISTORIA
LINGÜÍSTICA
ANTROPOLOGIA
HISTORIA
LINGÜÍSTICA
HISTORIA
LINGÜÍSTICA
LINGÜÍSTICA
LINGÜÍSTICA